

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

MATHEUS ANIECEVSKI

**As digressões como fuga do tema proposto no processo de escritura e
reescritura de artigos de opinião**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO

2020

MATHEUS ANIECEVSKI

**As digressões como fuga do tema proposto no processo de escritura e
reescritura de artigos de opinião**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês
da Universidade Tecnológica Federal do Paraná -
Campus Pato Branco como requisito para a
obtenção do título de Licenciado em Letras
Português-Inglês.

Linha de Pesquisa: Linguística
Orientadora: Prof. Dra. Letícia Lemos Gritti
Lehmkuhl

PATO BRANCO
2020



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor(a): **Matheus Aniecevski**

Título: As digressões como fuga do tema proposto no processo de escritura e reescritura de artigos de opinião

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em 20/10/2020, com NOTA **10,0 (DEZ)** pela comissão julgadora:

Prof.a. Dr^a. Letícia Lemos Gritti - UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca

Prof.a. Dr. Anselmo Pereira de Lima – UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Prof.a. Dr^a. Susiele Machry da Silva – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof.^a M.^a Rosângela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Portaria n.º 023, de 11.02.2014

OBS.: A FOLHA DE ASSINATURA ORIGINAL ENCONTRA-SE ARQUIVADA NA COORDENAÇÃO DO CURSO, COM AS DEVIDAS ASSINATURAS.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pelo dom da vida, pela oportunidade de ingressar em um curso o qual sonhava desde criança, e agora se materializa por meio deste trabalho.

Agradeço principalmente aos meus pais por todo apoio, suporte, paciência e por não medirem esforços para que eu estudasse e concluísse a graduação.

Às minhas amigas, pela motivação diária, pelo apoio nos dias em que pensei em desistir e elas me mostraram que os dias mais difíceis e pesados são necessários para que eu saiba reconhecer a leveza dos dias bons.

Às minhas colegas Gabriela Aiolfi e Maria Eduarda Castanha, pela parceria nos projetos de pesquisa, pelos auxílios com formulários e relatórios, vocês foram suporte e são peças fundamentais desta pesquisa.

À professora orientadora, Dra. Letícia Lemos Gritti, por tudo o que fez por mim ao longo da jornada acadêmica, desde o projeto de pesquisa até as orientações para o trabalho de conclusão de curso, me auxiliando nas madrugadas e finais de semana, não medindo esforços pra me ajudar, afirmo com clareza que nada disso seria possível sem ela.

Ao professor, Dr. Anselmo Pereira de Lima, que além de membro da banca avaliadora, me deu a oportunidade de engajar em um projeto de pesquisa, na ocasião de minha bolsa de iniciação científica, como orientador, me fez criar laços com a linguística e me indicou os tópicos de estudo para que essa pesquisa acontecesse.

À professora, Dra. Susiele Machry Da Silva, que aceitou prontamente ser parecerista deste trabalho, além de membro da banca avaliadora contribuiu com indicações de leituras para que esse trabalho fosse possível.

À todos os professores do curso de Licenciatura em Letras que contribuíram totalmente no meu processo de formação acadêmica e me inspiraram a acreditar em uma educação que liberta e conseqüentemente me transformaram em docente também.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão de uma bolsa no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) durante a graduação e também pelo financiamento

do projeto, em Chamada Universal, na compra de equipamentos para produção de dados.

À Universidade Tecnológica Federal do Paraná por permitir realizar meu sonho de ingressar em um ensino superior gratuito, de qualidade e pelos projetos de extensão que me permitiu desenvolver.

Por fim, a todos aqueles que direta, ou indiretamente contribuíram para o meu crescimento ao longo da jornada acadêmica.

Uma palavra que não representa uma ideia é uma coisa morta, da mesma forma que uma ideia não incorporada em palavras não passa de uma sombra.

Lev Vygotsky

RESUMO

O objetivo deste estudo é entender como as digressões estudadas na oralidade, podem funcionar como fuga do tema proposto durante processo de leitura, escritura e reescritura de artigo de opinião. Entendemos a digressão como uma porção de conversa que não se acha diretamente relacionada com o tópico em andamento (Preti, 1999). O processo de produção dos dados desta pesquisa está dividido em duas partes: a produção e a gravação, e por meio delas, a análise desses dados. Esses dados foram produzidos e gravados na Oficina de Leitura, Escritura e Reescritura de artigo de opinião, um curso ofertado nas dependências da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, para alunos do ensino médio e acadêmicos do primeiro período do curso de Licenciatura em Letras da própria universidade. Para essa pesquisa foi optado por analisar o processo de escritura de um texto, em sua primeira versão de escrita, de uma aluna oriunda de uma escola pública da cidade de Pato Branco- Paraná. A fundamentação teórica baseia-se nos conceitos de texto, de tópico discursivo e uma discussão sobre as digressões e como elas são divididas, fundamentados por teóricos como Bakhtin (1999) e Koch (1995), Brown e Yule (1983), Preti (1999), Dascal&Katriel (1982), dentre outros teóricos que darão voz à discussão. Sendo assim, o objetivo desse trabalho é compreender como essas digressões podem ocorrer na escrita e atuar como fuga ao tema, ou não, no processo de escritura de artigos de opinião.

Os resultados mostraram que nem todas as digressões ocasionam fuga do tema proposto, mas que a busca em muitos sites, a falta de leitura prévia e a paráfrase de outros textos contribuíram para que a articulista fugisse do seu tópico principal na escrita. Além disso, a pesquisa espera contribuir para a necessidade de uma reformulação no processo de ensino de produção textual, uma vez que os conhecimentos sobre as digressões da oralidade podem contribuir para entender como as fugas do tema acontecem na escrita.

Palavras-chave: produção textual, gênero artigo de opinião, digressões, tópico discursivo.

ABSTRACT

The objective of this study is to understand how the digressions studied orally, can function as an escape from the proposed theme during the process of reading, writing and rewriting an opinion article. We understand the digression as a portion of conversation that is not directly related to the topic in progress (Preti, 1999). The data production process for this research is divided into two parts: production and recording, and through them, the analysis of that data. These data were produced and recorded in the Reading, Writing and Rewriting Workshop of an opinion article, a course offered on the premises of the Federal Technological University of Paraná, for high school students and academics of the first period of the degree course in Letters of the university itself. For this research, we opted to analyze the writing process of a text, in its first writing version, by a student from a public school in the city of Pato Branco-Paraná. The theoretical foundation is based on the concepts of text, discursive topic and a discussion about the tours and how they are divided, grounded by theorists like Bakhtin (1999) and Koch (1995), Brown and Yule (1983), Preti (1999), Dascal & Katriel (1982), among other theorists who will give voice to the discussion. Therefore, the objective of this work is to understand how these digressions can occur in writing and act as an escape from the theme, or not, in the process of writing opinion articles.

The results showed that not all tours cause an escape from the proposed theme, but that the search on many sites, the lack of previous reading and the paraphrase of other texts contributed to the writer's escape from her main topic in writing. In addition, the research hopes to contribute to the need for a reformulation in the teaching process of textual production, since the knowledge about oral excursions can contribute to understand how the escapes of the theme happen in writing.

Keywords: textual production, opinion article genre, digressions, discursive topic.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Captura da tela da articulista, versão diagnóstica, tempo: 29m09s.....	38
Figura 2 – Captura da tela da articulista, versão diagnóstica, tempo: 43m22s.....	40
Figura 3 – Captura da tela da articulista, versão diagnóstica, tempo: 43m40s.....	42
Figura 4 – Captura da tela da articulista, versão diagnóstica, tempo: 1h03m37s.....	44
Figura 5 – Captura da tela da articulista, versão diagnóstica, tempo: 1h17m28s.....	47
Figura 6 – Captura da tela da articulista, versão diagnóstica, tempo: 1h05m49s.....	47
Figura 7 – Captura da tela da articulista, versão diagnóstica, tempo: 1h08m31s.....	48
Figura 8 – Captura da tela da articulista, versão diagnóstica, tempo: 1h08m49s.....	48
Figura 9 – Captura da tela da articulista, tempo: 1h07m35s.....	48
Figura 10 – Captura da tela da articulista, versão diagnóstica, tempo: 1h27m35s.....	51
Figura 11 – Captura da tela da articulista, versão diagnóstica, tempo: 1h38min.....	53

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1.....	39
Esquema 2.....	40
Esquema 3.....	45
Esquema 4.....	56

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	7
LISTA DE ESQUEMAS	9
1. INTRODUÇÃO	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
2.1 A definição de texto	16
2.3 O artigo de Opinião	17
2.4 A oralidade e a escrita	21
2.5 O tópico discursivo	22
2.6 A digressão	24
3. BREVE REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DE PRODUÇÃO TEXTUAL.....	26
4. METODOLOGIA.....	28
4.1 A produção de dados	28
4.2 A gravação dos dados.....	31
4.3 Análise dos dados	32
5. ANÁLISE DOS DADOS.....	34
5.1 1º parágrafo	37
5.2 2º parágrafo.....	43
5.3 3º parágrafo.....	46
5.4 4º parágrafo.....	50
5.5 5º parágrafo.....	53
5.6 Análise entre parágrafos	55
5.7 Questões gerais sobre a análise	57
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS.....	63
ANEXOS	66
ANEXO 1- Texto versão diagnóstica da articulista- primeira correção.....	66

1. INTRODUÇÃO

A leitura, a escrita e os aspectos de produção textual são objetos de estudos que receberam maior enfoque nos últimos anos. Esses fatores devem ser apresentados na educação básica e aprimorados ao longo da jornada escolar e acadêmica dos alunos. Preocupados com essas condições, o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) divulgou no último ano (2018) os dados da avaliação quanto aos níveis de Língua Portuguesa de estudantes do 5º ao 9º ano e também de alunos do 3º ano do Ensino Médio.

O Saeb é uma ferramenta de avaliação utilizada pelo governo federal a cada dois anos para medir e calcular dados dos alunos em algumas etapas específicas de ensino. O Ministério da Educação (MEC) classificou os níveis dos alunos numa escala de 0-9, quanto menor o número, pior os resultados. Os resultados para Língua Portuguesa foram assustadores, pois quase 71% dos estudantes do Ensino Médio foram classificados no nível de 0 a 3%, sendo considerados insuficientes e destes, 23% classificados como 0%. Segundo o (G1), a maioria dos estudantes brasileiros não consegue localizar informações explícitas em artigos de opinião ou resumos, por exemplo. Esses dados apresentados revelam que os alunos concluem o Ensino Médio e ingressam no meio acadêmico sem ter domínio da leitura e da escrita.

Outros meios para percepção quanto a problemas na escrita e leitura dos alunos estão nos dados do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) divulgados pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP). Esses dados mostraram que em 2017 cerca de 6% das redações foram zeradas. O principal motivo apontado pelos corretores dos textos foi a fuga do tema proposto, o que levou cerca de 5% dessas redações a receberem nota zero.

Muitos desses problemas relacionados à escrita e leitura estão pautados em um ensino tradicional de Língua Portuguesa e Produção Textual reconhecendo o texto apenas como algo pronto e finalizado, desconsiderando todo processo de escrita do aluno. O reflexo dessas metodologias de ensino está retratado nas pesquisas do Saeb.

Baseado nisso, esta pesquisa preocupa-se em entender, cientificamente, e analisar o processo de produção textual¹ do gênero artigo de opinião, analisando fatores textuais que levam alunos a cometer fuga do tema que lhes é proposto na escrita baseando a teoria nas mesmas ideias propostas pelas digressões na oralidade.

O processo da produção textual que aqui será analisado foi coletado na Oficina de Leitura, Escrita e reescrita de artigo de opinião no primeiro semestre de 2018. A Oficina é um projeto de extensão que acontece semestralmente na Universidade Tecnológica Federal do Paraná *campus* Pato Branco. Essa coleta de dados só foi possível graças à ajuda dos *softwares* que auxiliam na captura das telas dos computadores nos quais os textos são produzidos. Essa gravação foi feita com dois *softwares*, o *Inputlog* e o *AutoScreenRecorder*. O *Inputlog* processou todos os movimentos do mouse e acompanhou o movimento do teclado do computador, enquanto o *AutoScreenHunter* capturou, em vídeo, tudo o que aconteceu no computador, *sites* que o aluno acessou, a própria página que usou para escrever, além de registrar também os cliques do *mouse*.

O processo de produção textual que aqui será analisado é de uma aluna de uma escola pública da cidade de Pato Branco- PR. O texto da aluna que aqui foi selecionado apresenta uma incidência maior na hora de abordar outras temáticas ao longo da escrita em relação aos demais textos. É importante ressaltar que todos os textos produzidos nessa edição da oficina possuíam de certa forma, fuga ao tema proposto na hora da escrita, fator esse que despertou o interesse para que a pesquisa fosse realizada.

Esta pesquisa será pautada na definição de Dascal&Katriel (1982) quanto às digressões e buscará fazer um elo entre as digressões ocorridas no processo de escrita do artigo de opinião e como elas levaram ou não à fuga do tema. Para que essa análise seja possível, é necessário tratar o texto como um processo e não somente como um produto final. Encarar o texto com caráter processual permite uma ampla visão das partes segmentadas e expande possibilidades para um trabalho detalhado e supervisionado das partes do texto

¹ Analisar o processo de produção textual e não o texto como produto acabado foi uma das ideias iniciais do professor Anselmo Pereira de Lima, ao iniciar o projeto de extensão Oficina de Leitura, escrita e reescrita de artigos de opinião, que será mais à frente detalhado.

que formam o produto final. Neste caso, o estudo buscará uma compreensão partindo do processo de escrita para a versão final (produto).

De acordo com Chafe (1985, *apud* PRETI, 1999, p. 28) e com a maioria da literatura que trata do assunto, a escrita em si não mostra marcas ou registros do processo de escrita, apresenta, porém, somente um produto finalizado. Porém, graças ao auxílio de *softwares* citados, pudemos obter alguns avanços quanto ao processo de escrita, pois permitiram que fossem acompanhados os registros de escrita das articulistas².

Um dos pontos observados no texto da articulista é a dificuldade de manter-se em uma única temática ao longo da escrita, ela acaba abordando outros temas por julgar relevantes ou por serem assuntos direta ou indiretamente relacionados à temática que escolheu abordar, contudo, ao longo da escrita, não retorna, ou aborda outros tópicos em relação ao tópico principal.

Esse tópico principal é definido por Brown e Yule (1983, p.73) como “aquilo acerca do que se está falando, ele é antes de tudo uma questão de conteúdo, estando na dependência de um processo colaborativo que envolve os participantes do ato interacional”. Sendo assim, é necessário compreender que embora essa definição de tópico discursivo seja atrelada à oralidade, é possível pensar que esse tópico, quando trazido para a escrita, é aquilo que, no gênero artigo de opinião, definimos como temática, que são escolhidas pela articulista no texto.

Segundo Bakhtin (2016, p. 71) “se concebe o texto como [...] pensamentos sobre pensamentos, vivências sobre vivências, palavras sobre palavras, textos sobre textos”. Essa definição é o que nos leva a refletir sobre como a articulista elaborou suas ideias na hora de produzir o artigo de opinião. Todas essas experiências sobre experiências, textos sobre textos, usados pelas articulistas na hora da pesquisa para a produção textual e que são citados por Bakhtin (2016) nos permitem questionar se também não é um dos fatores que fazem com que a articulista, aqui em questão, cometesse desvios tópicos ao longo da escrita. Ou seja, trata-se da dificuldade de organizar todas as ideias em um só texto e manter o único tópico discursivo ao longo da escrita.

² Neste trabalho, adota-se ‘articulista’ como aquele(a) que escreve o artigo de opinião.

Esta pesquisa tem relevância para a linguística principalmente no que tange à área de produção textual, por isso pretende-se neste trabalho por meio de análises de outros textos, entender como as digressões podem fazer com que a articulista fuja do tema proposto no processo de produção textual. Tão importante quanto entender que muitos estudantes ainda cometem desvio tópico na escrita é compreender quais são os fatores que levam os estudantes a cometer essa fuga, ou seja, se é a falta de leitura prévia, as buscas por muitas fontes de pesquisa ou a falta de uma organização textual prévia que contribuem para que isso aconteça.

Sendo assim, almeja-se responder alguns questionamentos que são importantes para o resultado da pesquisa como, por exemplo, quais fatores levaram o estudante a cometer o desvio tópico? Como as fugas cometidas pelo articulista deram-se, elas foram momentâneas, ou o articulista tentou explicar um termo citado em sua produção textual e acabou não retomando mais o tópico principal, comprometendo, conseqüentemente o entendimento do texto? Assim, espera-se nesse trabalho entender as digressões como fuga do tema, ou não, durante o processo de escrita do artigo de opinião. Espera-se também compreender quais são os fatores que levaram essa articulista a cometer essas digressões e de que maneira elas se deram no processo de escritura⁴. Por fim, espera-se contribuir especificamente para o ensino de produção textual tornando as digressões um objeto de estudo em textos escritos.

Este trabalho está dividido em Metodologia, que busca explicar de que maneira será feita a análise dos dados que foram coletados. A Fundamentação teórica, que abordará a definição de texto ao longo da história estudado por Bakhtin (1999) e Koch (1995), a definição de oralidade e escrita e de que maneira ora se assemelham, ora se diferem apresentada por Marcuschi (2010) e Barthes & Marty (1987). Serão trazidas também a abordagem do tópico discursivo, sua definição e posicionamento no texto abordado por Brown e Yule (1983), Pinheiro (2005) e Preti (1999), a definição da digressão no texto oral e sua expansão para o a modalidade escrita, citado por Moisés (1978), Preti (1999), Cunha (1993) e Dascal e Katriel (1982) e, também, a definição do gênero Artigo de Opinião na perspectiva de Bräkling (2009), Adam (2012), Wachowicz (2012), Abreu (2006) e Pinheiro (2005).

Em seguida, será apresentada a análise do trabalho, as vozes dos teóricos em diálogo com a perspectiva da pesquisa, buscando mostrar onde e quais foram as digressões ocorridas no processo de escrita e também, procurando identificar as causas delas.

Por fim, as considerações finais recapitulando o que foi abordado na pesquisa e de que maneira isso contribui para o processo de escrita e ensino de produção textual. Além disso, buscamos mostrar quais foram e quantas vezes ocorreram digressões na escrita, também pontuar quais delas levaram à fuga do tema e quais não, e por fim destacar os motivos que levaram a articulista a cometer essas digressões com fuga do tema ou não.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a fundamentação teórica desse trabalho foram selecionados autores que tratam de modalidades orais, uma vez que a digressão parte dela, e autores que tratem também da modalidade escrita, uma vez que o texto é o *corpus* de pesquisa desse trabalho. Sendo assim buscamos definir conceitos básicos como texto, oralidade e escrita, o tópico discursivo, os tipos de digressões que podem ocorrer, e o gênero Artigo de Opinião, a fim de contextualizar e situar o leitor sobre quais embasamentos teóricos nortearam essa pesquisa. Também, buscamos embasamento teórico que aborde as questões que permeiam a área de ensino de produção textual, buscando situar a relevância do trabalho para a formação de professores.

2.1 A definição de texto

O texto recebeu algumas denominações ao longo da história, uma delas é apontada por Bakhtin (2016, p.71) o qual concebe como:

Uma realidade imediata, realidade de pensamento e de vivências [...] no sentido amplo, o texto é qualquer conjunto coerente de signos. São pensamentos sobre pensamentos, vivências sobre vivências, palavras sobre palavras, textos sobre textos.

Sendo assim, não é possível analisar um texto sem compreender toda ideologia que o permeia. Fatores como crenças, experiências pessoais e bagagem histórica de leitura influenciam diretamente no processo de produção textual. Bakhtin (1999, p. 24) afirma que o texto não existe fora da sociedade, só existe nela e para ela e por isso não pode ser reduzido unicamente para estudos da linguística. Nesse sentido é que se acredita que além dos fatores linguísticos, os extratextuais também contribuem de maneira significativa para que ocorram desvios tópicos.

Ainda neste contexto, Koch (1995), ao fazer uma abordagem histórica sobre a conceptualização de textos, conclui que desde as primeiras definições atribuídas ao texto, como sendo uma unidade linguística superior à frase até as últimas concepções, muitas mudanças ocorreram. A autora aborda os pressupostos da teoria da atividade comunicativa e trata de concepções que vão muito além do texto em si. Ou seja, há muitos fatores além da escrita, que

definem o texto como texto. Graças a essas teorias, portanto, é que a autora conclui que o texto passa a ser tratado não mais como uma estrutura acabada, mas sim, dentro de um processo de planejamento, afinal ele depende de vários fatores psíquicos, processos mentais e até fatores extratextuais para que ele aconteça efetivamente.

Portanto, compreende-se que o percurso histórico para discussão da definição de texto é amplo e ainda permanece em construção. Tomando o texto como processo, podemos compreender a produção textual como um processo cheio de nuances, os quais não são somente fatores da língua que estão em jogo, e nesse contexto, é o que contribui para que esse trabalho aconteça.

2.3 O artigo de Opinião

O artigo de opinião é um gênero de caráter dissertativo-argumentativo e tem por objetivo apresentar ao leitor um tema e o seu ponto de vista, ou seja, a sua opinião sobre aquilo que se propôs a escrever. Sendo assim, trataremos o artigo de opinião como um gênero do discurso, compreendendo suas características e contextos de produção para que a análise possa ser realizada.

Boff *et.al apud* Bräkling (2009) define o artigo de opinião como sendo um gênero discursivo no qual se busca convencer o outro sobre determinada ideia, influenciando-o e transformando seus valores por meio da argumentação a favor de uma posição, e de refutação de possíveis opiniões divergentes.

Por tratar-se de um texto de caráter argumentativo escritores desse gênero fazem uso de argumentos para persuadir o leitor a pensar como ele. Segundo Adam (2012, p. 92) *apud* Wachowicz (2012), “argumentar é a busca da adesão de um auditório/ouvinte a uma tese cujas vozes e juízos fazem-se pressupostos, através de três etapas: observação dos fatos, a construção de inferências sobre eles e a construção de uma nova tese”. Ou seja, é necessário que o autor do artigo de opinião observe as notícias, os dados e suas fontes de pesquisa para que por meio delas construa sua opinião sobre o que leu e conseqüentemente disserte criando uma nova tese (texto) sobre seus pensamentos.

Esse novo texto que surge segue uma linha de raciocínio ao ser escrita, segundo Wachowicz (2012, p. 95):

Qualquer texto da linha argumentativa, como os gêneros de artigo de opinião, ensaio, dissertação, etc., terão uma sequência de base: o autor/falante a segue e o leitor/ouvinte a infere- consciente ou inconscientemente. Mas as opções de construção argumentativa, nomeadamente o passo que se refere às inferências construídas a partir de fatos, podem seguir caminhos os mais variados possíveis.

Os diversos caminhos apontados pela autora tratam das diferentes formas de argumentar, ou seja, das maneiras que o autor do texto abordará o leitor para persuadi-lo.

Há diversas formas para argumentar, algumas das mais utilizadas são: o argumento de autoridade, caracterizado pelo uso de fontes de pesquisa especialistas no assunto. Argumento de causa e consequência, o qual você busca um os motivos para sua tese e quais as consequências dela, e aponta efeitos que aquilo causou. Argumento de exemplificação, usado por pequenos fatos de exemplo para comprovar argumentos mais teóricos. Argumento de prova concreta, quando se utiliza de fatos reais para comprovação da tese, etc. Essas formas de argumentar são apresentadas aos alunos nas aulas da Oficina de Leitura Escrita e Reescrita e conseqüentemente instruídos a usarem-nas para melhorarem seus textos.

Segundo Abreu (2006, p. 47), “um texto argumentativo sempre implicará em um tema e um problema”. Ou seja, é apresentado um tema no texto e desse tema algum problema em específico ligado a ele será debatido na escrita. Abreu (2006) chama atenção para que, ao escrever um artigo de opinião, não sejam abordados diversos problemas sobre o tema o qual foi proposto a ser escrito. Sendo assim, é necessário permitir que a escolha do tema atrelada ao problema escolhido seja o único fio condutor do seu texto para garantir coesão evitando fugas na escrita.

A ordem de escrita bem como a organização de ideias é de suma importância para garantir maior credibilidade ao texto, nesse sentido Pinheiro (2005) afirma:

Outros gêneros, mais prototipicamente escritos, como artigo de opinião e artigo científico, por exemplo, no que diz respeito à organização sequencial dos segmentos tópicos, se caracterizam pela constante linearidade. Cada tópico, em geral, encerra um argumento a serviço da ideia central defendida pelo autor. E cada tópico só se inicia quando o anterior é concluído. (PINHEIRO, 2005, p. 152).

Portanto, observa-se que embora Wachowicz (2012) também propunha que há muitas opções para construir argumentos, para essa pesquisa é

necessário condensar as noções de análises para aquilo que a articulista em questão irá se propor ao escrever. A análise que aqui será feita tratará exclusivamente daquilo que o articulista optou no seu texto, quais argumentos decidiu usar, de que maneira organizou suas ideias e partirá sempre do princípio definido por Abreu (2006) para que seja abordada uma única temática no texto todo.

Ao estudar possíveis problemas de redação, Pécora (1992) afirma que em textos escritos:

É necessário manter integralmente o discurso que vai sendo produzido, não é possível-como é feito sem maiores problemas no caso da oralidade- anular ou deixar sem efeito uma determinada construção simplesmente pelo prosseguimento do discurso em outra direção. Ou seja, é possível que, na oralidade quer porque aquilo que foi dito anteriormente tenha perdido sua importância no desenvolvimento do discurso, quer porque posteriormente tenha se encontrado uma maneira mais adequada de prosseguir-lo, a simples ausência de uma referência a esse enunciado anterior encarregue-se de afastá-lo do corpo do discurso, sem que isso implique em prejuízo para sua coesão. (PÉCORA, 1992, p. 70)

Ou seja, na oralidade é notório que há uma tendência maior de digressões que possam ser desencadeadas, uma que vez que o discurso pode ser desenvolvido em outras direções sem prejudicar o processo de fala que vinha acontecendo. Contudo, para o processo de escrita, é necessário que haja uma linearidade e sequenciamento de ideias conforme já citado e afirmado por Pinheiro (2005), ainda mais se tratando de textos de caráter dissertativo-argumentativo, como é o caso do artigo de opinião.

Para Boff *et al.* (2009), o artigo de opinião estrutura-se com uma situação problema inicial, essa situação, segundo os autores, é o que guiará o leitor ao longo da escrita. Em um segundo momento, é necessário que haja a discussão, ou seja, a exposição dos argumentos para comprovar e debater a situação problema (Temática) selecionada pelo autor do texto. Por fim, é necessário que haja uma solução-avaliação da discussão apresentada podendo haver uma reafirmação da posição assumida ou uma apreciação do assunto abordado Boff *et al.* (2009).

Dessa forma, é possível estabelecer uma estrutura para a escrita de um artigo de opinião, que uniformiza e auxilia na construção da escrita, para LIMA (2016), ao abordar a estrutura composicional do gênero artigo de opinião, indica que:

Contenha seis parágrafos: no primeiro, apresenta-se uma temática polêmica da atualidade juntamente com um ponto de vista ou posicionamento frente a ela; no segundo, terceiro e quarto parágrafos devem-se apresentar argumentos que sustentem e defendam a opinião apresentada; no quinto, leva-se em consideração – por meio da contra-argumentação – o ponto de vista oposto e seu argumento central; finalmente, no sexto parágrafo, apresenta-se uma conclusão geral do texto. (LIMA, 2016, p. 07)

Tendo em vista também que o curso de Licenciatura em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná é um curso de formação de professores e que a Oficina de Leitura, escritura e reescritura de artigos de opinião, como já citado neste trabalho, tem como um dos objetivos formar alunos que possam atuar futuramente como docentes na própria oficina, faz-se necessário refletir também sobre questões de ensino de produção textual.

A dificuldade para o ensino da escrita no Brasil não é algo recém-chegado às escolas, principalmente de esfera pública. Segundo Faraco (2009):

Ensinar a escrever no Brasil não é tarefa fácil. Muitos fatores negativos perturbam sua consecução, a começar por nossa história cultural, que tem favorecido pouco a atividade de escrita. Basta lembrar que, durante nossos primeiros trezentos anos, foi proibida aqui a impressão e a livre circulação de livros. Quem se aventurasse a escrever tinha de encontrar editor em Portugal, mas só depois de o texto ser devidamente aprovado pela Inquisição e, quando esta foi desmobilizada no governo do marquês de Pombal, pela Real Mesa Censória. (FARACO, 2009, p. 11)

Dado isso, é importante ressaltar a relevância de estudos nessa área, pois, é identificando os caminhos que levam os alunos a desenvolverem problemas na escrita que será possível mapear, e criar soluções para contribuir em um ensino de produção textual mais significativo.

Nascimento (2009), propõe algumas reflexões acerca do ensino de produção textual pautados nas definições propostas pelo teórico. O ensino de leitura e produção de texto no Brasil teve como base, nos últimos anos, uma concepção de língua como código ou estrutura e uma concepção de texto como produto acabado e concluído (NASCIMENTO, 2009). Contudo, novos estudos foram desenvolvidos e permitiram que essas noções fossem ampliadas, principalmente para a formação dos professores bem como as suas visões em relação ao ensino. Quanto à produção textual, no ensino tradicional, Nascimento (2009), afirma:

A produção de texto, por sua vez, restringia-se à aplicação da tipologia tradicional clássica. Os alunos eram convidados a escrever

narrativas, descrições e dissertações, tendo como modelo e devendo imitar grandes nomes da literatura clássica ou da ciência. Acreditava-se, também, que o ensino da norma culta padrão, prevista na Gramática Normativa como modelo ideal de linguagem, deveria permear a produção textual. (NASCIMENTO, 2009, p. 2)

Sendo assim, estudar o texto como processo, ter acesso aos momentos de escrita do aluno até que ele finalizasse o texto (produto), aparecem novamente como fator inovador e mais, isso permite que outros estudos possam vir a ser desenvolvidos na área da linguística. Defende-se a visão de que a cópia de uma estrutura fechada para produção de um texto não é unicamente o fator mais importante, mas sim, a reflexão acerca daquilo que o aluno se propôs a escrever, em quais contextos ele aplicará o que foi escrito e conseqüentemente é atribuir essa significação maior ao texto que garantirá maior comunicabilidade na língua ao texto produzido pelo aluno.

Sendo assim, ainda nas concepções de Bakhtin (2016), o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados orais e escritos, portanto, tendo em vista que o objetivo desse trabalho é abordar estudos das digressões, ressaltando que essa categoria recebeu poucos estudos e somente na oralidade, é necessário entender as definições de ambas as modalidades da língua.

2.4 A oralidade e a escrita

Embora o foco deste trabalho seja a análise de textos escritos, para tratar de estudos filológicos é necessário abordar os conceitos de oralidade e escrita. Embora ambas sejam modalidades do uso da língua, elas apresentam semelhanças e diferenças devido às condições em que são produzidas e fazem-se necessárias para compreensão da abordagem textual.

Segundo Marcuschi (2010, p. 25), “a oralidade é uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora.” Nesse sentido, assim como o texto aborda a realidade imediata, a oralidade trata desse aspecto também. A escrita é definida por Marcuschi (2010, p. 26) como “um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais.” Ou seja, embora ambas as modalidades possuam suas especificidades, elas propõem um objetivo claro: a comunicação.

Considerando as diferenças (formais, funcionais e da natureza de estímulo) entre a linguagem oral e a linguagem escrita, conclui-se serem distintas tais modalidades. Porém, embora não seja a linguagem escrita a transcrição da linguagem oral, não se pode negar a semelhança de seus produtos, que podem expressar as mesmas intenções, já que a seleção de elementos linguísticos de ambos se dá a partir de um mesmo sistema gramatical. (BOTELHO, 2006, on-line)

Logo, neste caso, admite-se a Língua Portuguesa como sendo o fio condutor de ambas as modalidades que, graças aos estudos, permitiram que fossem trabalhadas dentro de suas complexidades de maneira unida e coesa. Neste meio, é que alguns fatores norteadores dessa pesquisa, como o tópico discursivo e a digressão ausentam-se unicamente da modalidade oral e ganham horizontes para discussão dentro da modalidade escrita.

Segundo Barthes e Marty (1987, p.32) *apud* Matencio (1994):

A escrita se define por uma relação não necessária com o oral, relação segundo a qual o signo escrito não tem integralmente origem na palavra ou no auditivo traduzindo-a, mas também, de uma maneira autônoma, no visual.

Contudo, abordar os estudos de oralidade e escrita como distintos é tratar com certa parcialidade as modalidades da língua. Ou seja, é compreender a escrita de maneira isolada e sem relação direta com a oralidade visto que ambas são complementares como afirma Vygotsky *apud* Matêncio (1994), a aprendizagem da oralidade e da escrita tem sim suas especificidades, e embora apresentem diferenças, devemos vê-las como aspectos da construção do conhecimento do indivíduo na sociedade; de forma que sejam vistos como diferentes processos que possuem sim entrelaçamento.

Sendo assim, tanto na oralidade quanto na escrita, para que haja construção de conhecimento social do indivíduo e para compreender o que norteia o processo de linguagem é necessário entender aquilo que o sujeito se propôs a falar ou escrever, ou seja, o tema o qual será discutido. Esse tema na oralidade é chamado de Tópico discursivo (PRETI, 1990) e na escrita dos artigos de opinião ela será denominada temática.

2.5 O tópico discursivo

Segundo Brown e Yule (1983, p.73):

O tópico discursivo pode ser entendido como aquilo acerca do que se está falando, ele é antes de tudo uma questão de conteúdo, estando

na dependência de um processo colaborativo que envolve os participantes do ato interacional.

Nessa mesma linha de pensamento, Pinheiro (2005) *apud* Jubran *et al.* (1992, p.361) afirmam sobre o tópico discursivo:

É uma categoria abstrata, primitiva, que se manifesta na conversação, mediante enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem.

Ou seja, o tópico será moldado de acordo com o que o articulista se propôs a escrever, e mais importante, ele precisa ter relevância com o assunto em andamento. Neste caso, essa definição auxiliará na análise também, pois, abordaremos as digressões inseridas nos tópicos apenas dos assuntos (temáticas) as quais o articulista escreveu e não daquilo que ele poderia vir a escrever, ou seja, correções de hipóteses em seu texto.

Segundo Preti (1999), o tópico discursivo ou, então, o tema do diálogo é construído ao longo do processo de fala e depende do conhecimento de mundo, do conhecimento partilhado e das circunstâncias em que está ocorrendo determinado ato interacional. Os tópicos discursivos estão divididos em categorias que foram analisadas por Fávero & Andrade (1999), na coletânea de textos que compõem a obra de Dino Preti, *Análise de textos orais* (1999), nela, os autores abordam algumas propriedades do tópico discursivo. Por exemplo, o tópico discursivo está dividido em: Centração, que ocorre quando um tópico centrado está em andamento e apresenta “aberturas” explícitas e inferíveis para que outros assuntos surjam graças a ele; e a Organicidade a qual trata de um chamado supertópico que está em andamento e outros tópicos que estão acontecendo paralelamente ou verticalmente junto com aquele assunto (o supertópico).

Dentro da centração, Jubran *et al.* (1992, p.360) *apud* Pinheiro (2005) afirma que o tópico discursivo aborda os seguintes traços:

- (i) concernência: relação de interdependência semântica entre os enunciados – implicativa, associativa, exemplificativa ou de outra ordem – pela qual se dá sua integração no referido conjunto de referentes explícitos ou inferíveis;
- (ii) relevância: proeminência desse conjunto, decorrente da posição focal assumida pelos seus elementos;
- (iii) pontualização: localização desse conjunto, tido como focal, em determinado momento da mensagem.

Já a organicidade aborda temas que também são de extrema relevância para essa pesquisa, a continuidade e a descontinuidade. A continuidade se caracteriza por uma relação de proximidade entre dois tópicos, com abertura de um tópico subsequente somente quando o anterior é esgotado. Contudo, nem sempre os tópicos discursivos encontram-se diretamente ligados, ou seja, ocorre aquilo que Jubran (1992) define como a descontinuidade. Isso acontece em decorrência de um desvio no andamento do texto, ou, um novo tópico surge quando o anterior ainda não foi concluído, nesse caso, nem sempre o conteúdo acerca do que está se falando é mantido, podendo haver assim, uma mudança de conteúdo, de assunto, de tema que é chamada de digressão.

2.6 A digressão

A digressão foi objeto de alguns estudos ao longo da história, em sua maioria, em textos orais, mas, como já abordado, ambas as modalidades da língua se complementam, portanto, é necessário que haja um estudo detalhado desse assunto. Moisés (1978, p.152) *apud* Andrade (1993, p.14) afirmam que “a digressão em textos escritos consiste em um expediente difícil de manejar, uma vez que pode comprometer a integridade, ou seja, a coesão textual, e afirmam que não houve estudo pormenorizado desse assunto”.

Preti (1999, p. 50) define a digressão no texto oral como “uma porção de conversa que não se acha diretamente relacionada com o tópico em andamento”. Ou seja, já é possível estabelecer relações entre digressões e fuga, ainda que momentânea, do tópico (temática) que foi previamente selecionado para o diálogo, e que ao ser falado não se integrou com o restante do texto.

Como citado, poucos são os estudos que consideram a digressão, no texto escrito, como uma fuga do tema. Até onde se pôde verificar, somente Andrade (1993, p. 14) fez um pequeno apontamento a qual afirma que “na construção de um texto escrito, a digressão seria uma fuga- ainda que momentânea- da meta original para uma aparente incursão através dos prováveis anseios do leitor”.

Dascal e Katriel (1982) *apud* Preti (1999) propõem três divisões para as digressões na oralidade:

- (i) A digressão baseada na interação: Ocorre principalmente por fatores externos em meio a um ato interacional, um som que interrompe o assunto, um ônibus que passa e faz com que o falante lembre de outro assunto e não retome mais ao tópico que estava em andamento.
- (ii) A digressão baseada em sequências inseridas: Ocorre quando os falantes estão com vários atos da fala em uma mesma conversa, como no exemplo abaixo, extraído do livro *Análise de textos orais* (1999):

- (5) **Contexto:** O gerente de uma agência de propaganda dirige-se a sua secretária e pergunta:
- A- Cláudia, onde está o relatório?
 - B- Qual relatório?
 - A- Aquele do último trimestre.
 - B- Está na primeira gaveta do arquivo.

- (iii) A digressão baseada no enunciado: Ocorre quando há uma relação de conteúdo (semântico ou pragmático) entre o enunciado principal e o digressivo, na oralidade é marcado por marcadores conversacionais, como por exemplo, “Perdão, mas isso me lembra que...”, “por falar nisso...”.

Para a presente pesquisa e análise, nos ateremos à definição das digressões e buscaremos identificar de que maneira elas estão presentes no texto escrito. Cunha (1993) afirmam que no texto jornalístico as digressões geralmente são destacadas com quadros e imagens que não estão diretamente ligadas à reportagem escrita, ou seja, essa é a característica analisada no gênero reportagem.

Contudo, no artigo de opinião, objeto dessa pesquisa, buscamos adequar a análise dentro das características desse gênero. Vale ressaltar que, as digressões são fatores muito estudados na oralidade, por isso é que esse trabalho busca ampliar as discussões para ambas as modalidades da língua.

Outro fator que vale ponderar é a questão do ensino de produção textual nas escolas. Por muito tempo estudou-se o texto apenas como um produto, algo acabado, ou seja, aquilo que o aluno entrega no final da aula e vai receber uma única correção e fim. Contudo, a perspectiva de olhar um texto como processo de escrita, nos leva a refletir sobre esse ensino, principalmente no contexto das escolas brasileiras.

3. BREVE REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Nessa seção será elaborada uma reflexão acerca do ensino de produção textual principalmente no contexto de escolas públicas brasileiras. Tomamos como motivação o fato de a articulista participante desta pesquisa, ser oriunda de escola pública e apresentar características que, por ora, podem contribuir para o entendimento das dificuldades citadas ao longo da escrita. Assim, faz-se necessário ponderar questões acerca desse ensino nas escolas. E, também, reflexões sobre o ensino são tão relevantes, pois desenvolvemos na Oficina a oportunidade de alunos graduandos do curso de licenciatura em Letras atuar na Oficina como docente, ou seja, aprender para ensinar.

Por muito tempo ao longo da história detinha o poder quem era letrado, ou seja, aquele que sabia ler, escrever e que respondesse adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita. Embora aos poucos essa realidade tenha se transformado é desde a instauração das primeiras escolas no país que verbas destinadas à educação são reduzidas. Embora alguns períodos, como é o caso da década de 30, marcada pela ampliação da rede pública de ensino e na década de 50 que marcou ainda mais a ampliação da rede pública principalmente no que tange à alfabetização, os investimentos nunca foram de fato suficientes para suprir a demanda social. Desde então, as dificuldades que as escolas públicas vêm enfrentando recaem diretamente sobre a má formação de professores e problemas sociais dos educandos. Muitas escolas do país ainda veem o ensino de produção textual como uma parte isolada e que diz unicamente respeito à disciplina de Língua Portuguesa.

Há alunos que são traumatizados quando o assunto é escrever qualquer tipo de texto na escola. Fatores como esse advêm de uma sociedade que por muito tempo não deu a devida atenção que a escrita tem para as relações sociais. Segundo Faraco,

“O máximo que a pedagogia tradicional conseguiu foi criar o famigerado gênero “redação escolar”, cuja característica principal é, dado um tema no vazio, escrever para ninguém ler. Mero exercício de preenchimento de umas tantas linhas” (FARACO, 2009, p. 11).

A crítica do autor é pautada em muitos profissionais que ainda estão baseados na pedagogia de ensino que leva os educandos a não refletir sobre o

que escrevem e mais, sabendo que os alunos possuem ideias, mas não encontram maneiras de como transcrevê-las para o papel.

4. METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa pode ser dividida em três seções: produção, gravação e a coleta e análise dos dados que serão explicadas a seguir.

4.1 A produção de dados

O texto que será usado para análise foi produzido na Oficina de Leitura, Escrita e Reescrita de Artigos de Opinião. A Oficina é um projeto de extensão orientado e desenvolvido pelos professores doutores Anselmo Pereira de Lima, e Letícia Lemos Gritti, ambos professores do Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Pato Branco.

A Oficina é um curso de curta duração que visa no ramo educacional identificar e diminuir patologias no que tange à produção textual, assim, para acompanhar o processo de escrita, a oficina é ofertada em um laboratório de informática da Universidade. A edição selecionada para a pesquisa ocorreu no primeiro semestre de 2018 e participaram 15 alunos do 2º ano do Ensino Médio de uma escola estadual da cidade de Pato Branco-PR. Embora nesta edição tenham participado apenas alunos do Ensino Médio, em outras edições as turmas costumavam ser mistas, ou seja, é oferecido um determinado número de vagas aos alunos do 1º período do curso de Letras da própria universidade e as demais vagas para alunos do Ensino Médio de colégios públicos da cidade de Pato Branco-PR.

Essa oficina é um projeto de ensino, pesquisa e extensão, os alunos da graduação em Letras Português-Inglês que concluem a oficina são convidados a ministrarem as aulas da próxima edição dela. Sendo assim, a oficina é um projeto de extensão, pois envolve, além dos acadêmicos do curso de Letras da universidade, também a comunidade externa, que nesse caso, são os alunos do Ensino Médio. Também, é um projeto de pesquisa, pois os dados coletados são usados para pesquisas no âmbito educacional e de ensino, visando diminuir defasagens no ensino de produção textual.

Para destacar e exemplificar as pesquisas acima citadas, outras acadêmicas do curso de Licenciatura em Letras da universidade desenvolveram estudos na área. Por exemplo, pesquisa de trabalho de conclusão de curso sobre as interferências do papel do professor durante a ocorrência das produções textuais, a qual enfatizou a importância do papel do professor no processo de ensino-aprendizagem. (ZANIN, 2018)

Além disso, pesquisas diretamente ligadas ao gênero artigo de opinião foram desenvolvidas para compreender o processo de escrita e as dificuldades que permeavam as produções, como argumentação e estrutura composicional do gênero, a exemplo de Burato (2016, 2019), Marchiori (2019), Pereira e Locatelli (2018). Também nesse sentido, pesquisas das reformulações feitas pelos alunos durante o processo de escrita, como a troca de palavras por sinônimos e o processo cognitivo por trás dessas escolhas lexicais (AIOLFI, 2018). Todas essas pesquisas se transformaram em trabalhos de conclusão de curso e uma dissertação concluída e, assim como essa presente pesquisa vêm a somar com todas as demais na área da linguística e de produção textual. Atualmente, há mais duas dissertações sendo construídas, com término previsto para 2021, Gotz (2020) e Aiolfi (2020). Além de outras pesquisas apresentadas em seminários nacionais e internacionais. Como é o caso da pesquisa publicada pelo *Dialogic Pedagogy: an international online journal*, intitulada: *Dialogic functions of repair by lexical synonymy in the process of writing and rewriting of an opinion article*. (AIOLFI, 2020).

Além das pesquisas acima citadas, alguns estudos sobre a fuga do tema se fazem presente na literatura. Passero (2018) desenvolveu sua dissertação baseado em identificar as técnicas, recursos, métricas e corpora atualmente utilizados na detecção de fuga ao tema. O autor conclui em suas análises que estudos futuros são necessários quanto à fuga ao tema, assim, justifica-se a importância de tal estudo. Contudo, a abordagem do autor não usa como base os estudos sobre digressões e nem o processo de reescritura e assim esse trabalho vêm a contribuir para essa área de pesquisa.

Quanto a oficina de Leitura, Escrita e Reescritura de Artigo de Opinião, participei na edição de 2017/1, a qual fui aluno e logo em seguida, fui convidado a ministrar as aulas da próxima edição. Trabalhei um tempo como voluntário, juntamente com meus professores orientadores e logo em seguida,

juntamente com a minha colega de graduação foram oportunizadas bolsas de estudo, de pesquisa e extensão. Assim, atuei como bolsista do CNPq e iniciei os estudos dos tópicos discursivos atrelado ao estudo das digressões, porém não pude concluí-lo devido ao afastamento do professor orientador, mas tendo em vista o interesse pelo assunto, decidi continuar e agora em um campo maior, dando vazão a essa pesquisa neste trabalho. Logo abaixo, será explicado um pouco sobre a metodologia do trabalho nesse projeto.

A metodologia da Oficina onde o texto dessa pesquisa foi produzido é composta por seis encontros, sendo um encontro por semana de três horas e meia. No primeiro encontro os alunos são convidados a escolher um tema que seja polêmico, ou seja, que apresente dois pontos de vista e escrevem um texto diagnóstico sobre ele. O objetivo é identificar os conhecimentos prévios dos alunos, os maiores problemas na escrita e quais as dificuldades com o gênero, para que, a partir disso, possam ser definidas as demais atividades da Oficina. Posterior a isso, cada texto é corrigido pelos professores, e em sala, eles apresentam a estrutura do gênero. Essa estrutura é composta e apresentada em seis parágrafos definidos da seguinte forma: O primeiro parágrafo apresenta uma temática, neste caso, o tema que o aluno se propôs a escrever, juntamente com a sua opinião sobre ele. No segundo, terceiro e quarto parágrafo são expostos os argumentos que irão comprovar a temática escolhida no primeiro parágrafo. O quinto parágrafo é destinado a expor uma opinião contrária àquela que vem sendo defendida no texto, ou seja, dá-se voz a contra argumentação, tendo o articulista que contestá-la. Por fim, no sexto parágrafo, apresenta-se a conclusão geral do texto retomando pontos importantes que foram apresentados nos parágrafos anteriores.

Antes de os alunos terem acesso à correção do seu texto ocorre o que definimos como dinâmica de “troca em pares” o qual eles recebem o texto do seu colega e são convidados a identificarem cada parte das estruturas acima citadas. O objetivo dessa atividade é ativar os conhecimentos dos alunos, após a explicação da estrutura. Eles podem atentar para ortografia e aspectos gramaticais, porém o propósito é identificar argumentos e opiniões no texto para assim, refletir sobre a própria escrita. Além disso, outro objetivo da Oficina é preparar os alunos para que possam ser professores que deem continuidade

ao projeto. Sendo assim, quando formandos em uma edição, os alunos do curso de Letras, podem ministrar aulas em outras edições.

Após isso, os alunos são convidados a reescreverem seus textos e, a cada encontro com as correções, melhorar suas versões com base na devolutiva dos professores. É apresentada também aos alunos a estrutura de um projeto de texto, ou seja, condensar as ideias em poucas linhas, antes de partir para a escrita oficial do texto, o objetivo dessa atividade é nortear a escrita dos alunos, pois, com o projeto em mãos, desenvolver a escrita acaba se tornando mais didático. Vale salientar, que esse projeto de texto também é corrigido e devolvido aos alunos, portanto, realizam também nele, o processo de reescritura.

No último encontro os alunos são convidados a escreverem sobre um novo tema, mas agora com todo o aparato teórico oferecido nas aulas anteriores. Todas as últimas versões dos textos produzidos na Oficina são postadas no *blog* 'Pães e Opiniões' (LIMA, 2018).

4.2 A gravação dos dados

Juntamente com a produção desses dados ocorreu a gravação deles. Como citado anteriormente, a Oficina foi ofertada em um laboratório de informática nas dependências da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Cada aluno produziu seu texto individualmente em um computador. As gravações foram produzidas com ajuda dos *Softwares AutoscreenHunter* e *Inputlog*. (LEIJTEN; VAN WAES, 2013)

O *ScreenHunter* captura, em vídeo, tudo o que acontece no computador, sites que o aluno acessou, a própria página que usou para escrever e os cliques do *mouse*. O outro software intitulado *Inputlog* processa todos os momentos do mouse e acompanha o movimento do teclado do computador. Assim, esses softwares nortearam todo o trabalho de análises dos professores e pesquisadores envolvidos nesse projeto.

Para que esse projeto da Oficina acontecesse também, foram utilizadas duas câmeras filmadoras que foram compradas com financiamentos do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Essas câmeras filmaram as aulas que foram ministradas e contribuíram

significativamente no processo de pesquisa, pois além da movimentação gravada no computador das articulistas é possível ter percepção de seus movimentos, ausência dos alunos da sala e troca de ideias com outros colegas durante o processo de escrita.

4.3 Análise dos dados

O texto selecionado para ser analisado nessa pesquisa foi o de uma aluna do Ensino Médio oriunda de uma escola da rede pública de ensino da cidade de Pato Branco- PR. A escolha do texto deu-se de forma aleatória, pois todos os textos diagnósticos produzidos na oficina, ao serem corrigidos pelos professores, apresentavam fuga para outras temáticas. Esse fator foi também o que motivou essa pesquisa, buscando compreender como essas fugas se dariam no processo de escrita.

Dentre todas as versões de um mesmo texto que são produzidas na oficina, optamos por analisar a primeira versão que, como já explicado, é escrita sem o auxílio dos professores, é um diagnóstico para os alunos na metodologia da oficina. Não podemos deixar de levar em conta que no cenário educacional brasileiro essa prática de ensino, embora arcaica, ainda é comum para alguns professores, os quais levam seus alunos a escrever um texto sem apresentar o gênero antes. Os alunos são postos em situações de escrita onde não fazem ideia de como escrever ou de que informações abordar, pois muitas vezes nem o tema lhes é fornecido e assim, iniciam uma escrita, juntando frases, coletando informações de diversos lugares atrelados ao seu conhecimento de mundo sem que haja uma linearidade na escrita, há uma preocupação em preencher linhas para entregar o texto a alguém que fará uma correção dele.

Nesse caso, quando o professor se deparar com o texto pronto (produto) na hora da correção não se tem uma ideia de todo processo que levou o aluno a escrever, o que fez o aluno a chegar naquelas conclusões, quais informações ele buscou para sua escrita, quais foram as reformulações do aluno ao escrever, por isso, o estudo em questão é tão importante.

Portanto, a análise do texto se dará por meio do estudo do vídeo da articulista que foi gravado com auxílio dos softwares já citados. O vídeo possui

1h40min e será analisado todo o processo de escrita. Procuramos observar atentamente o tempo em que a articulista demora a começar escrever, a quantidade de sites que ela navega, e também acompanhamos o movimento do cursor para procurar entender em quais momentos ela inicia, em sua escrita, as digressões, para que seja possível compreender porque elas ocorreram, quais fatores levaram a articulista a cometer esses desvios na produção textual.

A análise foi feita por parágrafos do texto para que assim fosse possível ter uma noção do processo de escrita. Após cada parágrafo concluído pela autora foi apresentada a captura de tela de como ficou o parágrafo escrito, para que então, fosse apresentada a análise sobre o processo de escrita daquela parte buscando dialogar com as teorias que embasam os estudos de produção textual.

Após cada parágrafo escrito, foi analisado o processo de escrita do parágrafo isolado e logo após, como ele se integrou ou não com o parágrafo anterior. Como os estudos que abordam as digressões em análises de textos orais são geralmente marcados por esquemas de falas representando graficamente cada turno, buscamos nessa pesquisa montar esquemas com os tópicos abordados pela articulista, o que garante ao leitor maior didática e facilidade para estudo do tema. Organizamos as capturas de tela da articulista em imagens que intitulamos Figuras e estão numeradas de 1 a 9, enquanto os quadros de organização tópica para exemplificação da digressão serão chamados de esquemas e estão numerados do 1 ao 4.

5. ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo faremos a análise do texto da articulista, aluna da oficina. O texto que será analisado é de uma aluna do Ensino Médio da rede pública de ensino da cidade de Pato Branco-PR. O vídeo que usaremos na análise possui 1h40min, assim, a análise será feita por parágrafos, observando cada momento da escrita. Buscamos unir as teorias sobre a digressão, aqui já apresentadas, com o processo de escrita da articulista. Abaixo, será descrito desde o processo inicial da escrita no laboratório até a etapa final. Os alunos bolsistas do projeto programavam os *Softwares* nos computadores dos alunos da Oficina para iniciar a gravação logo após a ordem dos professores para que, então, os alunos pudessem começar a escrever.

Ao iniciar a sua produção textual, observamos que no primeiro minuto de vídeo a articulista, sem pesquisa prévia, já digita o título “Sexualidade” em seu texto, aparentemente, escreveria sobre esse tema em questão. Após um pequeno problema com a internet, a aluna fecha a aba do programa Word e então inicia pesquisas no *Google* por “temas polêmicos”. Podemos definir essa interferência externa como uma digressão baseada na interação que, segundo Dascal e Katriel (1982) *apud* Preti (1999), pode ser encontrada no contexto situacional seja por ruídos externos ou algum tipo de distração como, por exemplo, a chegada de outra pessoa, isso no discurso oral. Já na escrita, a interferência externa serviria de alguma forma, para despertar na articulista a ideia de buscar por outros temas na internet, desviando-se do tópico que havia se proposto a escrever em um primeiro momento. Nesse caso, essa digressão não pode ser considerada uma fuga do tema, pois a articulista não havia definido ainda o seu tema. Ao longo deste trabalho aparecerão outras do mesmo tipo, porém, há outros tipos de digressões que serão consideradas fugas do tema.

Observamos que após uma pesquisa por cerca de 4 minutos, no minuto 09m47s a articulista encontra a sua primeira escolha de tema em um site de notícias, “Igualdade de gênero”. O que pudemos ressaltar é a falta de leitura para a escolha do tema na hora da pesquisa. Todos os temas pesquisados pela articulista apresentavam um título, que seria o próprio tema, e em seguida o texto explicativo sobre ele, contudo, com base no tempo

captado pela gravação, podemos ver que ela passa o cursor extremamente rápido em cada texto, atentando apenas para o título julgando se chamaria ou não sua atenção.

A articulista inicia, então, a pesquisa sobre seu tema. Após digitar “Igualdade de gênero” no campo de pesquisa do navegador, percebemos que ela não lê nenhuma reportagem e nenhum artigo sobre o assunto na íntegra, o cursor do mouse é passado extremamente rápido sob essas reportagens enquanto ela divaga de *site* em *site* à procura de alguma informação. Assim, nos 13m18s a articulista inicia a escrita de seu tema. Ela tenta explicar o que é Ideologia de gênero, mas apaga a frase já de início. É possível compreender que devido à falta de leitura prévia sobre o tema, a articulista inicia o texto sem saber ao certo do que se trata o tema.

Em seguida, inicia novamente o texto com “Hoje em dia vivemos em um país em que” (14m12s), e parte para uma pesquisa na internet sobre “Como se chama quando a lei é igual para todos?” (14m26s), após uma pesquisa rápida a articulista retoma seu documento e apaga todas as frases. A articulista permanece cerca de 20 segundos com o cursor parado, neste momento, ao observar as gravações das câmeras, percebemos uma pequena troca de ideias entre a articulista e a colega que estava ao lado. Embora não tenha sido possível identificar as falas no áudio para uma transcrição, acreditamos que tenha sido o fator que levou a articulista a abordar o novo tema que viria a ser escrito. Esse fator pode ser considerado uma digressão baseada na interação. Pensando nos textos orais, é possível elaborar didaticamente um suposto diálogo para compreender o porquê dessa digressão:

- Fulana, não estou lembrando o que iria falar com você, acho que era sobre ideologia de gênero.

Uma pessoa externa fala ao ouvido da outra pessoa:

- Não fale sobre isso com essa fulana.

E assim essa pessoa começa a falar sobre outro assunto, nesse caso “música nas escolas, questões polêmicas”, pois foi esse tema que a articulista iniciou uma nova pesquisa na internet.

Observamos, portanto, que essa troca não pode ser considerada uma fuga ao tema proposto, pois o tema não havia sido escolhido ainda. Segundo

Dascal e Katriel (1982) *apud* Preti (1999), a digressão baseada na interação distingue-se das demais por não apresentar relações de conteúdo com o tópico em andamento, ou seja, o que influencia a mudança tópica são fatores externos, e que nesse caso, é a pessoa externa citada no diálogo. É possível perceber então que, baseado também nesse caso, nem todas as digressões são obrigatoriamente uma fuga ao tema proposto.

Após uma pesquisa rápida, apenas navegando pelos links sugeridos no Google, a articulista reformula sua pesquisa para “Gênero musical questão polêmica”. Novamente a articulista lê somente os links mostrados na Internet e aos 18m40s ela retorna ao seu documento em branco e então digita o título do seu texto a qual manteria até o final da escrita da versão diagnóstica “Música e polêmica”, novamente, sem leitura prévia de nenhum arquivo sobre o tema.

Após escrever o título, a articulista reformula sua busca no *Google* para “Música no Brasil”, ela lê um pequeno trecho sobre o tema no *Google*, e aos 19m40s inicia a escrita do seu texto. O que podemos observar, portanto, é que foram necessários quase 20 minutos para que a articulista pudesse escolher o seu tema final para que então, pudesse começar a escrever sobre ele. Isso nos deixa claro que ela não sabia sobre qual tema escrever e, ao invés de pesquisas aprofundadas sobre os temas, caminho que facilitaria a escrita, observamos um vai e vem entre os sites, sem dar a devida atenção à leitura de embasamentos teóricos. Nesse sentido, afirma Matêncio (1994, p. 40):

A leitura assim como a escrita, é uma atividade individual, realizada de forma visual, por movimentos dos globos oculares. Ao longo desse processo, os olhos não se fixam em cada uma das palavras, como fariam pressupor atividades de leitura na escola, mas identificam um conjunto de palavras.

Ou seja, mesmo que a leitura seja a atividade que está sendo desenvolvida de maneira individual pela articulista, ela está lendo para um objetivo, neste caso, escrever. Contudo, o que observamos é a falta de um leitor ativo sobre os textos que deveriam ser lidos para a escrita do artigo de opinião. Tem-se, portanto, um mero leitor que, por meio dos globos oculares, tenta reunir palavras para conseguir formar frases que farão sentido ao estruturar um texto futuro. Isso também se une ao fato de a articulista procurar por um tema polêmico, pois não sabia sobre qual escrever, assim, esse vai e vem entre os sites acarreta, conseqüentemente, uma dificuldade de condensar e reunir ideias, afinal, ela busca por frases isoladas nos textos e não a

interpretação como um todo, o que, formaria uma ideia sobre o tema a ser escrito. Segundo Matêncio (1994, p. 40):

Ao longo da leitura, o leitor possui um grau de previsibilidade sobre o encaminhamento que será dado ao texto, fundamentando tanto em seu conhecimento de textos e de mundo como nas informações fornecidas pelo texto que está sendo lido. A experiência do leitor, os objetivos da leitura e a complexidade do texto em questão serão determinantes para a rapidez com que essa atividade será realizada.

Ou seja, se a leitura pré-escrita não for feita com atenção, a tendência é transformar o texto em frases soltas, dificultando sua coesão e coerência. O mesmo se afirma aos objetivos, se a articulista não estiver certa da ideia que ela pretende defender no artigo de opinião, a probabilidade da fuga de sua temática ocorrer é maior, pois, ela não se alicerça em uma opinião.

5.1 1º parágrafo

Ao observarmos o início da escrita do texto da articulista, percebemos que ela possibilita a abertura do texto para discussão de diferentes assuntos. Ao iniciar a escrita, percebemos que ela encontrou a seguinte informação na Internet: “A música no Brasil é uma das expressões mais importantes da cultura brasileira.” Ao escrever em seu texto, ela usa “Vivemos em um país onde a música é uma das formas mais importantes de expressão”. Em segundos, a articulista reformula para “Vivemos em um país onde a música é uma das expressões mais importantes de nossa cultura”. E assim, marca o início da escrita de seu texto, ou seja, é notório que o início é, na verdade, uma paráfrase acerca daquilo que a autora leu nos sites buscados, pois essa informação estava semelhantemente escrita no site visitado por ela anteriormente. Esse processo cabe à teoria do enunciado (Bakhtin, 2016) ao afirmar que os enunciados dos outros podem ser introduzidos diretamente no contexto de outro enunciado, podendo ser introduzido apenas por palavras isoladas ou orações, e mesmo que esses enunciados conservem a ideia alheia, eles não podem ser reacentuados. Ou seja, a articulista retirou a ideia de um site de pesquisa sobre “Música no Brasil”, que tratava da música no contexto histórico, mas ao ser parafraseado no texto, embora reescrito, atribuiu outro significado para o artigo de opinião, que ressaltaria na escrita a importância desse tema.

A articulista navega cerca de 2 minutos por sites relacionados à história da música, mas, sem muita leitura aprofundada, parte para uma nova pesquisa “Gêneros musicais predominantes no Brasil” e encontra os gêneros mais ouvidos no Brasil e assim os introduz ao texto com a seguinte sentença: “Hoje em dia predominam o sertanejo, axé, MPB, samba, forró, rock e eletrônico”. Aos 25 minutos, a articulista faz uma nova pesquisa “Crítica sobre os gêneros musicais brasileiros” e encontra uma reportagem chamada “A atual e pobre música brasileira” e, após breve leitura do início do texto, a articulista introduz então, mais essa ideia ao texto. Observe abaixo a primeira reformulação da escrita do primeiro parágrafo do texto.

Figura 1 - Captura da tela da articulista, versão diagnóstica, tempo 29m09s:

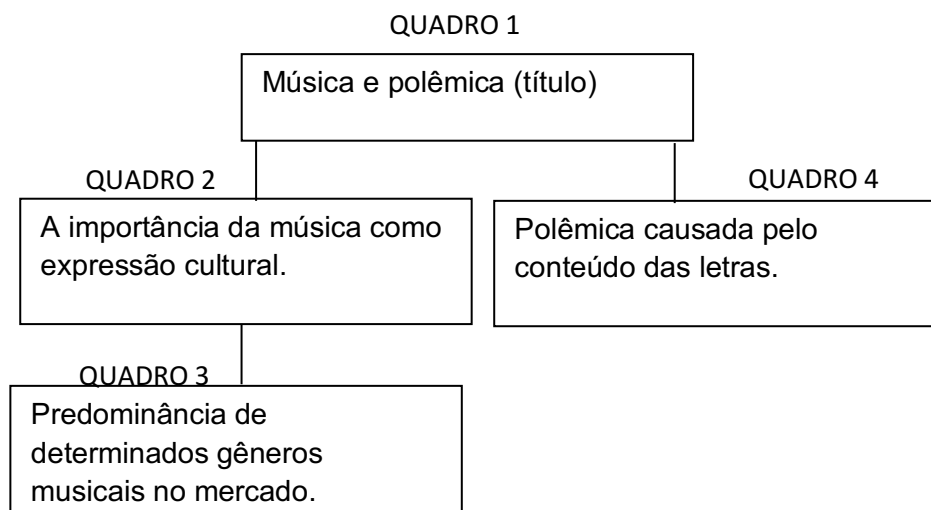
Música e polêmica

Vivemos em um país onde a música é uma das expressões mais importantes de nossa cultura. Hoje em dia predominam no mercado o sertanejo, axé, MPB, samba, forró, rock e eletrônico. O que mais gera polêmica é o conteúdo nas letras das músicas. |

Fonte: O autor (2020) - Captura de tela de vídeo gerado pelo ScreenHunter.

É possível observar que a articulista apresenta um tópico principal, que chamaremos de super-tópico, e nesse caso seria o título do texto “Música e polêmica” e conseqüentemente outros tópicos foram desenvolvidos na escrita, chamaremos esses, de sub-tópicos. Para Jubran *et al* (1992) *apud* Pinheiro (2005) esse desenvolvimento de sub-tópicos é caracterizado, dentro da centração tópica, como concernência, afinal, os enunciados escritos pela articulista, apresentam uma relação semântica entre si. Ou seja, os enunciados abordados acima pela articulista estão ligados pelo seu conteúdo estruturante entre si, observe abaixo o esquema de ideias elaborado com base nos tópicos escritos pela articulista:

Esquema 1



Nesse caso, não há ocorrência de digressões, pois, a temática principal do texto foi escolhida no título da articulista e por meio disso, ela conseguiu fazer com que as informações subsequentes que viriam estivessem em consonância com o teu tópico central. Para Vygotsky essa relação entre pensamento e palavra:

não é uma coisa, mas um processo, um movimento contínuo de vaivém entre a palavra e o pensamento; nesse processo a relação entre o pensamento e a palavra sofre alterações que, também elas, podem ser consideradas como um desenvolvimento no sentido funcional. As palavras não se limitam a exprimir o pensamento: é por elas que este acede à existência. Todos os pensamentos tendem a relacionar determinada coisa com outra, todos os pensamentos tendem a estabelecer uma relação entre coisas, todos os pensamentos se movem, amadurecem, se desenvolvem, preenchem uma função, resolvem um problema. Esta corrente do pensamento flui como um movimento interno através de uma série de planos. (Vygotsky, 2001, p. 118)

Após essa escrita, aos 29m24s, a articulista recorre à internet e busca pela palavra “conteúdo nas letras das músicas geram polêmica”. O que é notório nesse caso, é como esse tipo de informação é inserida no texto sem noções futuras do andamento da escrita, afinal, é somente após inserir essa informação que há uma preocupação em explicar qual seria esse conteúdo⁴ das letras. Assim, ela acrescenta algumas informações relacionadas ao conteúdo das músicas ao texto e após mais alguns minutos de pesquisa, aos 38m23s, a articulista encontra uma notícia relacionada ao funk e a apologia ao

estupro causada pelas letras. Assim, ela reúne todas essas informações em um único parágrafo da introdução.

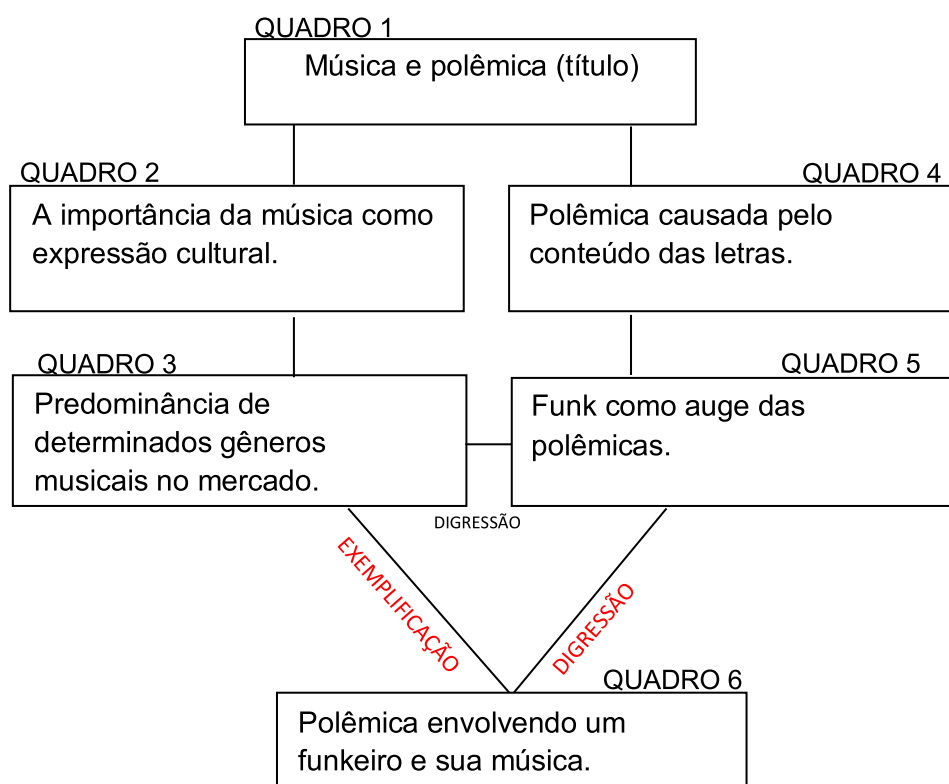
Figura 2 – Captura da tela da articulista, versão diagnóstica, tempo: 43m22s:

Vivemos em um país onde a música é uma das expressões mais importantes de nossa cultura. Hoje em dia predominam no mercado o sertanejo, axé, MPB, samba, forró, rock e eletrônico. O que mais gera polêmica é o conteúdo das letras das músicas. Atualmente o auge das polêmicas é o funk e o sertanejo universitário pela "exposição" da mulher e "Pornografia e sexualidade excessiva em canções". Um dos alvos de polêmica é o Mc Diguinho, com sua faixa Surubinha de leve o músico está sendo acusado de fazer apologia ao estupro.

Fonte: O autor (2020)- Captura de tela de vídeo gerado pelo ScreenHunter.

Antes de ocorrer a próxima reformulação, analisemos a proposta de escrita tomando como tópico principal (tema) "Música e polêmica". Observe no esquema elaborado abaixo, uma proposta de análise sobre os tópicos abordados pela articulista em sua escrita.

Esquema 2:



A articulista reuniu, em um primeiro momento, todas as informações dos quadros acima no parágrafo de introdução do seu texto. Como já mostrado anteriormente, ela mantém uma relação entre os tópicos, o que é observado

entre os Quadros 1, 2, 3, 4 e 5 do esquema acima. Porém, observamos uma digressão no quadro 6 em relação ao supertópico, do quadro 1, quando a articulista usa como exemplo de polêmica o funkeiro Mc Diguinho e a sua música “Surubinha de leve”. Nesse caso tem-se uma digressão baseada no enunciado, pois apresenta uma relação de conteúdo (semântico ou pragmático) entre o enunciado principal vigente (Música e polêmica) com o enunciado digressivo (Polêmica envolvendo um funkeiro e sua música).

Pensando nos exemplos de marcadores conversacionais da oralidade, Preti (1999 p. 51), *apud* Dascal e Katriel (1994) citam que os marcadores “a propósito, por falar nisso, isso me lembra de que”, seja possível atrelar com a escrita quando pensarmos que devido ao tema “Música e polêmica” a articulista “lembrou-se” desse caso de polêmica em específico, uma exemplificação, e o inseriu em seu texto. Para Koch (1995), há enunciados que embora relevantes para o tópico em desenvolvimento, soam como digressivos, como acontece com as exemplificações, por exemplo.

Nesse caso, a informação inserida pela articulista em relação ao funkeiro é relevante, e por isso, embora seja classificada como uma digressão, ela não é uma fuga do tema proposto para o texto, afinal, ela não impediu a continuidade tópica (tanto que aparece atrelada aos demais tópicos no Esquema 1), e está relacionada com os demais em andamento.

Atentemo-nos agora, para o quadro 3, quando a articulista afirma existir determinados gêneros musicais com maior predominância no mercado. Ela utiliza como exemplo os seguintes gêneros: sertanejo, axé, MPB, samba, forró, rock e eletrônico e logo em seguida afirma em seu texto, que o que causa polêmica é conteúdo das letras desses estilos citados por ela. Entretanto, observamos que ela afirma que o auge da polêmica é o Sertanejo Universitário (anteriormente denominado apenas sertanejo) e Funk, esse não havia sido citado entre os mais predominantes, o que causa além de falta de coesão, coerência também.

Tendo em vista a inserção desse novo enunciado, há uma correlação entre os quadros 3, 4 e 5, uma vez que o tópico “Música e polêmica” abre possibilidade para os demais, porém, há uma digressão baseada no enunciado que ocorre entre o quadro 3 e o quadro 5, pois, embora a articulista aborde a questão “gênero musical”, que apresenta uma relação de conteúdo com o

tópico principal, o gênero musical abordado por ela para usar como exemplo não havia sido citado anteriormente. Nesse caso a digressão ocorre “na concernência do tópico” (Jubran *et al.*, 1992, p.360), que embora não ocasione fuga ao tema, falta uma relação de interdependência semântica exemplificativa entre os tópicos, ou seja, usar o funk como modelo foi um exemplo que, aparentemente, estava fora dos enunciados citados anteriormente por ela, sendo assim, não houve concernência entre esses tópicos.

Observamos que logo em seguida a autora introduz a ideia da polêmica que seria devido à vulgarização do corpo feminino e também porque as letras possuem “Pornografia e sexualidade excessiva em canções”. Essa sentença foi retirada de um site consultado pela articulista durante o processo de escrita. Acreditamos ser uma tentativa de referenciar a fala e por esse motivo o uso das aspas, contudo a falta de nomeação do autor da frase causou estranhamento na escrita, visto que esse não é o papel desempenhado por elas na gramática. Nesse mesmo parágrafo que a articulista tentou inserir a ideia da polêmica, ela também já aborda uma exemplificação do cantor Mc Diguinho. Julgamos que, ao observar a quantidade de informações, a articulista reformula excluindo essa exemplificação e deixando sua introdução da seguinte maneira:

Figura 3 – Captura da tela da articulista, versão diagnóstica, tempo: 43m40s:

Vivemos em um país onde a música é uma das expressões mais importantes de nossa cultura. Hoje em dia predominam no mercado o sertanejo, axé, MPB, samba, forró, rock e eletrônico. O que mais gera polêmica é o conteúdo das letras das músicas. Atualmente o auge das polêmicas é o funk e o sertanejo universitário pela "exposição" da mulher e "Pornografia e sexualidade excessiva em canções". |

Fonte: O Autor (2020) - Captura de tela de vídeo gerado pelo ScreenHunter.

Observamos então que ocorreria nesse caso uma perda do quadro 6, exposto no Esquema 1 quanto aos tópicos desencadeados pela articulista no parágrafo. Sendo assim, salientamos que a escrita da introdução transformou-se em uma junção de muitas vozes dentro do texto e que prejudicaram a coesão textual, visto que, como abordado no Esquema 1 foram muitos tópicos em andamento, e embora houvesse relação semântica entre eles, faltou o uso de elos coesivos ou operadores argumentativos para unir coerentemente as ideias apresentadas. Segundo Abreu (2006, p. 47), “um texto argumentativo

implica sempre, inicialmente, um tema e um problema”. Notamos que a articulista apresenta o seu tema, que nesse caso é a música e apresenta o problema, que seria a polêmica causada pelas letras, contudo, o que causou estranhamento na interpretação, como já abordado, foi uma falta de ligação entre as ideias e o uso de elos coesivos, porém, ela conseguiu manter os enunciados, em um primeiro momento, relacionados semanticamente.

5.2 2º parágrafo

Baseando-se no mesmo site usado para escrever a introdução, a articulista inicia, aos 43m48s, o segundo parágrafo do seu texto, aquilo que deveria ser o seu primeiro argumento no artigo de opinião. Ela inicia o parágrafo usando como exemplo uma petição feita pelos ouvintes do *Spotify* para que a música fosse retirada do aplicativo. O que chama atenção nesse caso é que a articulista recorre à internet para pesquisar o que seria o aplicativo *Spotify*, e encontra ser um “Streaming de música mais popular do mundo”. O adjetivo “popular” dá a noção de ser amplamente conhecido, contudo, por ter efetuado a pesquisa, é possível deduzir que a articulista não o conhecia, mas, ainda assim acrescenta essa informação como verdadeira no texto. Isso nos leva a refletir que um texto se constrói “textos sobre textos” e a noção de que os enunciados dos outros podem ser introduzidos diretamente no contexto do (nosso) enunciado (Bakhtin, 2016). Assim, a articulista toma como verdade a informação e a acrescenta na escrita.

Ela continua a escrita do seu texto baseando-se ainda no mesmo site que usou para coletar a informação do aplicativo *Spotify* para manter a pesquisa e a escrita relacionada ao conteúdo polêmico das músicas. Aos 52m57s a articulista procura novas vozes para inserir no texto, dessa vez uma opinião contrária. Ela digita no navegador “Defensores da Surubinha de leve”. É possível identificar, pelo movimento do cursor, que dessa vez a articulista faz uma leitura um pouco mais detalhada sobre a reportagem, em comparação as anteriores. O que é notório novamente na escrita desse parágrafo é como as informações são basicamente parafraseadas dos sites de informação e a opinião da articulista, ou seja, sua voz no texto torna-se quase inexistente.

Figura 4 – Captura da tela da articulista, versão diagnóstica, tempo: 1h03m37s:

Ouvintes do streaming de música mais popular do mundo o Spotify, criaram uma petição para retirar a música Surubinha de leve do cantor MC Diguinho, que está sendo acusado de fazer apologia ao estupro. "Uma obra que estimula violência e desvalorização das mulheres não merece ser divulgada ou compartilhada amplamente, sem uma devida restrição ou indicação de idade" afirmam os ouvintes. Já especialistas afirmam que em termos legais a letra da música não configura apologia ao estupro.

termos legais a letra da música não configura apologia ao estupro. "Não dá para saber se as mulheres citadas aprovaram, se são maiores de idade, se concordaram em participar da tal "surubinha"... Para ser considerado apologia ele teria que deixar claro a intenção de "tacar a bebida" seria para deixar a vítima inconsciente, em um estado que não teria condições de consentir com a relação sexual" - diz a advogada Sylvia Urquiza.

Fonte: O autor (2020) - Captura de tela de vídeo gerado pelo ScreenHunter.

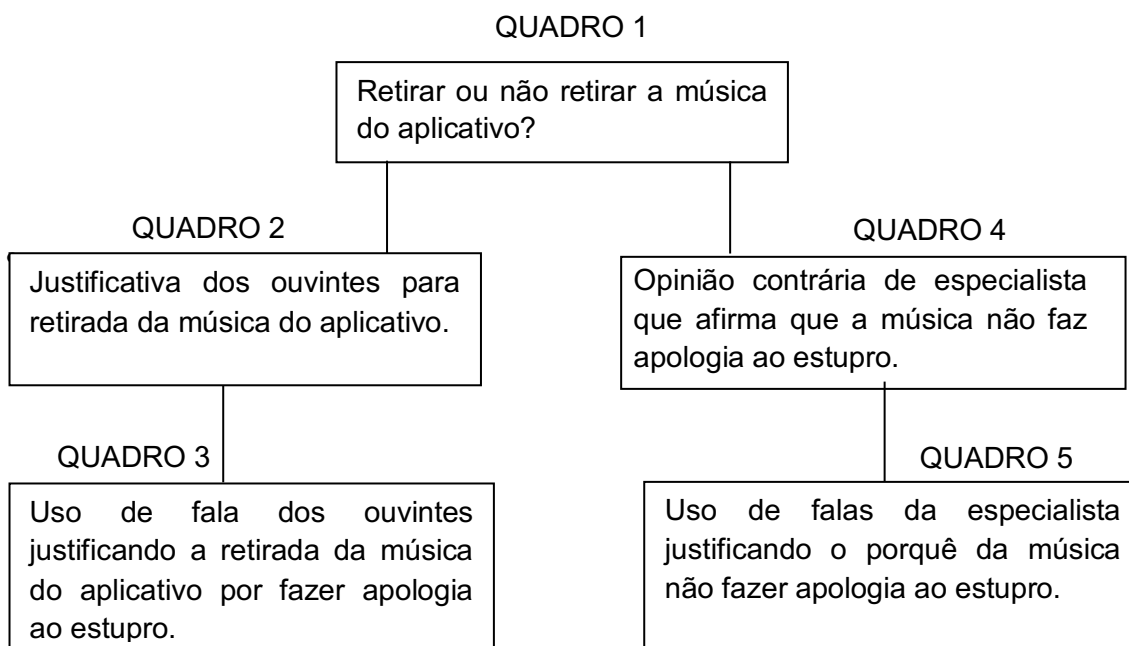
Após pouco mais de 20 minutos a articulista conclui o segundo parágrafo do seu texto, representado na Figura 4. Como já citado, para escrevê-lo nesta parte, ela fez uso do auxílio de dois *sites*. Tendo em vista a construção textual, o que podemos notar nesse momento é a continuação, por meio de uma exemplificação, do sub-tópico do parágrafo anterior baseado no Quadro 6 do Esquema 1 “A polêmica envolvendo um cantor funkeiro e sua música”. Contudo, ela adiciona um novo subtópico para o andamento do texto, o fato de ouvintes do *Spotify* assinarem um documento para a retirada da música do aplicativo.

É possível pensar que o subtópico “Polêmica envolvendo um cantor funkeiro e sua música” tenha permitido uma abertura do subtópico subsequente “Ouvintes do *Spotify* assinam petição para retirada da música Surubinha de leve”, uma vez que se trata de uma exemplificação utilizada pela articulista. Observamos que os problemas apontados por ela, embora não explícitos no texto são “A música Surubinha de leve do funkeiro MC Diguinho deve ou não ser retirada do aplicativo?” e ainda “A música Surubinha de leve do funkeiro MC Diguinho faz ou não apologia ao estupro?”.

O Esquema 3 abaixo apresenta as ideias percorridas pela autora ao longo do segundo parágrafo. O que se pode observar é que, em uma análise isolada desse parágrafo, as ideias internas não apresentariam tanta disparidade assim, ou seja, ela segue uma linha de construção de pensamento assim como o primeiro parágrafo apresentado. O que é perceptível é que a articulista cria aqui, a sua primeira problemática, que seria retirar ou não de um

aplicativo, a música que causou polêmica devido a sua letra. Uma das justificativas para o segundo parágrafo ficar, em termos semânticos, mais bem estruturado que o primeiro, pode ser o fato de a articulista ter navegado por menos sites em relação às pesquisas efetuadas para elaborar o primeiro e conseqüentemente desenvolver um pouco melhor a ideia após leitura completa de uma visão prévia.

Esquema 3



Percebemos que baseados na definição de Abreu (2006) sobre criar um tema e um problema para um texto argumentativo, a articulista cria o seu primeiro problema no texto, exemplificado acima no Quadro 1. Assim, o que a articulista apresenta nesse parágrafo é um problema, que é a retirada ou não da música do aplicativo e também se ela faz ou não apologia ao estupro. Ela traz as vozes dos ouvintes e de uma advogada que é nomeada conforme Figura 4 para embasar essa discussão.

Dentro da centração, característica do tópico discursivo, Pinheiro (2005) *apud* Jubran *et al.* (1992) afirma que essa organização textual se encaixaria na relevância do tópico, afinal, foi por meio da exemplificação usada pela autora de um tema aberto no tópico anterior que permitiu que não ocorresse uma digressão entre os tópicos desse segundo parágrafo.

Vale ressaltar que, após a conclusão do primeiro parágrafo do texto a articulista ainda não sabia qual exemplo usaria para embasar a discussão que ela iniciou, uma vez que a pesquisa realizada por ela na internet, como já citado, era sobre conteúdos das músicas que geraram polêmica. Ou seja, neste caso, é perceptível como a falta de uma organização pré-escrita (um projeto de texto) também contribui para que ocorram fugas do tema, afinal, a bagunça causada por muitas pesquisas ao mesmo tempo levaram a articulista a abrir outro tópico no texto que será explanado a seguir.

5.3 3º parágrafo

Para continuar essa análise partiremos para as observações feitas durante a escrita do terceiro parágrafo, esse que em termos de organização do gênero, deveria ser o seu segundo argumento.

Em 1h04m02s a articulista inicia a escrita do terceiro parágrafo de imediato após concluir o segundo. Ela faz algumas reformulações no início do parágrafo que serão analisadas a seguir. A articulista retorna ao *site* que usou para escrever o parágrafo anterior e basicamente parafraseia toda a próxima informação sobre o funk que continha na página “é mal interpretado e desvalorizado independente do que a letra esteja dizendo”. Em seguida, a autora encontra neste mesmo site a informação de que algumas pessoas estavam querendo criminalizar o funk e, assim, ela realiza uma pesquisa sobre isso na internet.

A articulista encontra um *link* com o título “Proposta de criminalização do funk é rejeitada em comissão...”, contudo, ao clicar, a internet demora alguns segundos até abrir o endereço e assim, após ter lido no resumo que o *Google* fornece do próprio *link*, retorna ao texto e inicia a seguinte sentença “No ano de 2017 queriam criminalizar o funk”, porém não conclui a frase e volta a navegar nos *sites*. Novamente, ao acompanhar o movimento do cursor, a articulista lê apenas os resumos oferecidos pelo navegador e retoma ao seu texto para concluir a sua ideia. “No ano de 2017 tentaram aprovar uma lei que criminalizaria o funk, mas não conseguiram”, escreve.

A articulista continua o seu texto, dessa vez, atacando as pessoas que pretendiam criminalizar esse estilo musical. Ela escreve “Essa massa que

rejeita o gênero não está atenta que o mesmo” e então deixa a ideia incompleta no editor de textos e parte para uma busca na internet “Funk movimenta a economia do Brasil” e então volta para o texto. O que chama atenção novamente aqui é um fator já citado nesse trabalho, a falta de leitura para desenvolvimento do texto. Ao digitar essa pesquisa no *Google* a articulista não abriu nenhum dos *links* ofertados pelo navegador e voltou a inserir apenas informações vistas nos resumos, conforme visualizado abaixo, na figura 5, com o terceiro parágrafo concluído.

Figura 5 – Captura da tela da articulista, versão diagnóstica, tempo: 1h17m28s:

Mas a questão é quem em nosso país o funk sofre grande preconceito pela população, é mal interpretado e desvalorizado independentemente do que a letra esteja dizendo. No ano de 2017 tentaram aprovar uma lei que criminalizaria o funk, mas não conseguiram. Essa massa que rejeita o gênero não está atenta que o mesmo movimenta nossa economia, dados que só na cidade do Rio de Janeiro o funk movimenta mais ou menos R\$1000000.

Fonte: O autor (2020) - Captura de tela de vídeo gerado pelo ScreenHunter.

Observamos nesse momento, que a articulista introduziu duas ideias totalmente novas ao texto. A ideia de “Criminalizar ou não o funk” e também “A importância econômica desse gênero ao país”. Ao concluir o segundo parágrafo de sua escrita (Figura 4) a articulista mantém os tópicos “Excluir ou não a música do aplicativo *Spotify*” e “A música configura ou não apologia ao estupro” em abertos, porém, ao iniciar o terceiro parágrafo (Figura 5) a articulista não conclui a sua opinião sobre esses tópicos em aberto citados, e ainda introduz um tema novo à escrita.

Esse novo tópico (tema) acrescido pela articulista pode ser caracterizado como digressão por duas hipóteses. A primeira delas diz respeito às reformulações feitas pela articulista na escrita do início do parágrafo e que foram apresentadas acima, observe abaixo, nas Figuras 6, 7 e 8, os 3 momentos das reformulações feitas pela articulista:

Figura 6 – Captura da tela da articulista, versão diagnóstica, tempo: 1h05m49s:

Mas a questão é quem em nosso país o funk sofre grande preconceito por parte da população |

Fonte: O autor (2020) - Captura de tela de vídeo gerado pelo ScreenHunter.

Figura 7 – Captura da tela da articulista, versão diagnóstica, tempo: 1h08m31s:

Mas a questão é quem em nosso país o funk sofre grande preconceito por grande parte da população, é mal interpretado e desvalorizado independentemente do que a letra esteja dizendo.

Fonte: O autor (2020) - Captura de tela de vídeo gerado pelo ScreenHunter.

Figura 8 – Captura da tela da articulista, versão diagnóstica, tempo: 1h08m49s:

Mas a questão é quem em nosso país o funk sofre grande preconceito pela população, é mal interpretado e desvalorizado independentemente do que a letra esteja dizendo.

Fonte: O autor (2020) - Captura de tela de vídeo gerado pelo ScreenHunter.

É perceptível que ela deseja dar maior ênfase sobre a visão que o funk transmite às pessoas e, assim, acaba generalizando para toda a população. Nesse momento, é notável que a articulista expõe a sua opinião, contudo, a preocupação dela em apresentar se seria a população toda ou parte da população que teria preconceito com o funk, pode ter desencadeado a digressão baseada no enunciado desse caso. Afinal, há uma relação de conteúdos em relação ao preconceito que o funk sofre pela população por ser “mal interpretado” com o super-tópico “Música e polêmica”, porém, foi após essas tentativas de reformulações ela buscou novos argumentos para sustentação, o que desencadeou um novo tópico que seria “A criminalização do funk”.

Esse novo tópico foi desenvolvido após a leitura de um *site* por meio do qual a articulista parafraseou a fala da cantora Mc Carol para inserir em seu texto. Observe na figura abaixo o *print* da tela do site usado como base para a escrita:

Figura 9 – Captura da tela da articulista, tempo: 1h07m35s:

MC Carol, autora de faixas como “100% feminista”, classificou “Só surubinha de leve” como nociva para o gênero musical como um todo:

— O funk por si só já é mal interpretado e desvalorizado, independentemente do que a letra esteja dizendo. Há pessoas querendo criminalizar o funk em geral, então continuar reproduzindo machismo em músicas como essa só ajuda a acabar com o gênero.

Fonte: <https://oglobo.globo.com/cultura/musica/especialistas-dizem-que-so-surubinha-de-leve-nao-configura-apologia-ao-estupro-22299705>- Captura de tela de vídeo gerado pelo ScreenHunter.

Assim, a articulista insere em seu texto a informação de que haveria pessoas querendo criminalizar esse gênero musical, o que levou, em 1h09m25s, a articulista a fazer uma busca na internet intitulada “Criminalização

do funk”. Novamente, sem abrir nenhum dos *links* ofertados pelo *Google*, ela vê no primeiro *link* uma notícia datada em 21 de setembro de 2017, mas não clica no endereço para leitura, e neste caso, acrescenta a informação do ano de 2017 no seu texto. Sem leitura aprofundada, as informações foram novamente inseridas no texto.

Sem pesquisar novas fontes, a articulista acrescenta em seu texto a ideia de que o Funk movimenta a economia do país como mostrado no terceiro parágrafo (Figura 5). Esse dado é interessante, pois ela realiza, na escrita, novamente uma prática já citada nesse trabalho, a qual ela insere a informação no texto e só então parte para uma pesquisa, ou seja, ela não tem embasamento para escrever, apenas cria hipóteses e busca alguma fonte após a ideia estar escrita no documento. Logo após acrescentar a ideia de que esse gênero movimenta a economia, a articulista pesquisa na internet, em 1h14min28s, “Funk movimenta a economia do Brasil”. O segundo *link* mostrado pelo Google exibe a seguinte manchete, datada de 2011, “Funk ganha espaço e move 1 mi por mês no Rio”, sem clicar na notícia, a articulista insere essa informação ao seu texto como mostrado na Figura 5.

Sendo assim, a digressão baseada no enunciado é desenvolvida nesse parágrafo (Figura 5), pois, mantendo “Música e polêmica” como sendo o tópico principal, é possível pensar que, a polêmica, nesse caso, estaria ligada com a criminalização do funk, afinal, segundo a articulista, há divergência pela população quanto a isso. Entretanto, embora haja essa relação de conteúdo semântico com o supertópico (Música e polêmica) não há relação com os subtópicos apresentados pela articulista em relação ao parágrafo anterior, por exemplo. Sendo assim, diferentemente do que foi apresentado no primeiro parágrafo, nesse caso, a digressão baseada no enunciado é caracterizada como uma fuga do tema, afinal, o tema abordado pela articulista se relaciona com o supertópico, mas, não como parte legítima de seu desenvolvimento temático (KOCH, 1995).

Nesse sentido, é possível perceber que o problema central para que as digressões acontecessem nesse parágrafo foram pautados na falta de leitura e organização textual. A falta de leitura de outras vozes para a construção do texto, assim como a falta de leitura do próprio texto são perceptíveis no vídeo, pois em quase nenhum momento a articulista volta à tela para os parágrafos

anteriores para fazer a leitura deles e continuar a sua escrita. Para Matêncio (1994, p.38), um dos grandes problemas voltados para leitura é quando “o leitor vê o texto apenas como uma somatória de frases”, ou seja, não como um conjunto de ideias para que haja interpretação desse texto. Para a escrita do artigo de opinião, essa leitura de outros textos e a presença de outras vozes é essencial para garantir veracidade e dar maior credibilidade, principalmente para os argumentos. Percebemos, porém, que não é o que acontece na escrita do texto da articulista, afinal, a junção de frases de vários outros textos sem o entendimento da ideia central prejudicou a escrita de tal maneira que a levou fugir do tema proposto, ou seja, abrir outros tópicos na escrita.

Como abordado anteriormente, em diversos momentos de sua escrita a articulista primeiro escreve sua ideia no texto para então partir para a pesquisa sobre o tema, ou seja, sem possuir o embasamento para escrever, ela espera encontrar as informações na rede. Para Matencio (1994), a compreensão de um texto relaciona-se diretamente aos objetivos, interesses, conhecimento e referenciais temáticos e textuais do leitor. Diversas vezes a articulista “sobe e desce” pela página do seu texto rapidamente, parecendo estar preocupada com a quantidade de linhas até aquele momento da escrita. Assim, percebemos que o objetivo da escrita dela não é buscar a interpretação de textos como um todo para embasar seus argumentos e consequentemente melhorar a escrita, mas sim, juntar as frases para preencher as linhas necessárias com o seu tema. Pécora (1992) ao abordar possíveis problemas na escrita afirma que muitas vezes os alunos estão tão preocupados na “ocupação do espaço em branco” que nem sempre há o interesse em fazer significar, nem sempre eles visam à efetivação dos nexos semânticos (1992, p. 69). Ou seja, muitas vezes os modelos de ensino estão tão focados no preenchimento das linhas que os conteúdos passam despercebidos, o que leva também, a fazer com que ocorram digressões que levarão a fuga do tema no texto, como é o caso do exemplo mostrado acima.

5.4 4º parágrafo

Em 1h17min50s a articulista faz uma nova pesquisa na internet “Funk e cultura”. Após cerca de 1min e 30s ela inicia a escrita do 4º parágrafo do seu

texto, o que de acordo com as características composicionais do gênero seria o seu 3º argumento. Antes de elaborar um novo parágrafo ela inicia a escrita junto com o parágrafo anterior (Figura 5), mas logo em seguida separa o texto e continua a escrita.

Dessa vez, a articulista abre um *site* intitulado “Funk é cultura, gera renda e vai ser defendido sim” e usa algumas informações como base. Ela inicia a escrita com a informação “Sem contar que o Funk é uma manifestação cultural como foi a Tropicália e o Samba”, retirada do *site* citado. Nesse momento, é perceptível que a articulista retoma o subtópico aberto no início da sua escrita em que afirmou que a música é uma forma importante de expressão cultural (Esquema 1- Quadro 2). Após uma breve leitura do *site* citado, a articulista conclui o parágrafo em 1h27min35s sem retornar a outras páginas da Internet para escrever. Observe na figura abaixo:

Figura 10 – Captura da tela da articulista, versão diagnóstica, tempo: 1h27m35s

Não podemos esquecer que o funk é uma manifestação cultural, assim como foi a Tropicália e o Samba. O conteúdo das letras relata o que as pessoas vivem, principalmente nas favelas e nas periferias. Os cantores e MCs relatam a verdade que muitas vezes dói ao escutar, mas infelizmente é a nossa realidade. O povo brasileiro brinca muito com as coisas, com as situações e o funk é uma forma "divertida" de dizer o que acontece dentro da favela, dos bairros e até mesmo dentro de casa.

Fonte: O autor (2020) - Captura de tela de vídeo gerado pelo ScreenHunter.

Observe que por meio da expressão “Não podemos esquecer” a articulista retomou uma informação que já continha no texto. Essa expressão pode ser novamente caracterizada como uma digressão baseada no enunciado, afinal ela trouxe novamente um tópico que apresenta uma relação de conteúdo semântico com o supertópico “Música e polêmica”, e mais, quanto aos marcadores conversacionais da oralidade, para Preti (1999) *apud* Dascal e Katriel (1994) traz um dos exemplos para textos orais, que é “voltando ao assunto...” como um marcador característico desse tipo de digressão e neste caso, a articulista utiliza “não podemos esquecer”, como uma expressão para retomar o tópico.

Contudo, ao continuar a escrita ela desviou dos subtópicos sobre o qual vinha discorrendo no parágrafo anterior. O que observamos é que ela procurou, neste parágrafo, justificar porque as letras de funk não devem ser criminalizadas. Sendo assim, o andamento dos subtópicos “A música

Surubinha de leve do funkeiro MC Diguinho deve ou não ser retirada do aplicativo?” e ainda “A música Surubinha de leve do funkeiro MC Diguinho faz ou não apologia ao estupro?” ficaram para trás sem serem concluídos. E, nesse caso, ela continuou dando voz ao tópico “Criminalização do Funk”, que foi justamente o tópico causador da digressão baseada no enunciado na análise anterior.

Observamos que a articulista abandona o subtópico “A importância econômica do Funk para o país” e nesse parágrafo e inicia um novo “A representação da realidade brasileira nas músicas de Funk”. Nesse parágrafo um enunciado totalmente digressivo é a seguinte frase “O povo brasileiro brinca muito com as coisas, com as situações”, afinal, ele foi introduzido no texto sem contexto algum, sem coesão, nem coerência com o que vinha sendo escrito. Assim, poderia ser definida como uma digressão baseada na interação, afinal não apresenta relações de conteúdo com o tópico em andamento. (DASCAL E KATRIEL, 1982). Em nenhum momento ela havia citado o comportamento da sociedade brasileira para fazer essa afirmação no parágrafo. Observa-se, nesse caso, uma incoerência, pois houve a inserção de uma expressão sem coerência e coesão com o que vinha sendo apontado pela articulista.

Quanto à interpretação textual, é possível compreender que a articulista afirma, no primeiro parágrafo, que essa “pornografia e sexualidade excessiva” (Figura 1) seriam então uma forma “divertida”, no quarto parágrafo (Figura 8) de contar o que acontece nas favelas, porém, o site que a articulista usou como base para esse parágrafo abordava questões das músicas de Funk como “Rap da felicidade” (1994), de Sidney da Silva (MC Cidinho) e Marcos Paulo de Jesus (MC Doca). Tendo em vista a exemplificação trazida pela autora do início do texto do site, a letra da música “Rap da felicidade” (1994) fala sim da realidade das favelas e periferias, o que é bem diferente da letra e das polêmicas geradas em torno da música “Surubinha de Leve”. O adjetivo “divertido” utilizado para tratar a forma como o Funk retrata a vida dos brasileiros não se adequou ao contexto dessa discussão, uma vez que em nenhum momento a polêmica da música “Surubinha de leve”, por exemplo, tratava de ela ser divertida, mas sim, se a música em questão fazia ou não apologia ao estupro.

5.5 5º parágrafo

Em 1h27min36s, a articulista inicia a escrita do último parágrafo do seu texto, o que supostamente seria a conclusão. Ela inicia a escrita afirmando que “Assim com o funk o sertanejo universitário é muito criticado por suas letras”. Para inserir essa informação, é perceptível que ela volta ao parágrafo inicial do seu texto e mantém o cursor por uma fração de segundos sobre o primeiro parágrafo, para assim, começar a escrita do último parágrafo, única vez que isso acontece mediante o que dá para se perceber por meio dos vídeos.

Em 1h29min14s a articulista pesquisa na Internet “Sertanejo é muito criticado por suas letras” e encontra o seguinte resultado “As letras do sertanejo são muito pouco desenvolvidas, diz Nando Reis” e, novamente, sem abrir o link para a leitura, a articulista insere essa informação no texto. Após isso a articulista fecha todas as abas da internet e continua a escrita do seu último parágrafo sem auxílio de outros *sites*, e em 1h38 conclui o seu texto, observe na figura abaixo:

Figura 11 – Captura da tela da articulista, versão diagnóstica, tempo 1h38min.

Assim como o funk o sertanejo universitário é muito criticado por suas letras "machistas" e pouco desenvolvidas. Mas o que poucos sabem é que essa música traz o alimento para dentro da casa de milhares de pessoas. Vários pais e mães de família dependem disso para sustentar seus filhos. Viver da própria arte não é fácil em um país que não valoriza a mesma. |

Fonte: O autor (2020) - Captura de tela de vídeo gerado pelo ScreenHunter.

A conclusão é a parte do artigo de opinião, conforme a estrutura composicional, na qual ocorre a retomada de pontos citados durante a escrita sem apresentar nenhum conteúdo novo, ou seja, é o momento de reforçar a temática do texto. Observe que a articulista retoma o subtópico que abordava o sertanejo como gênero predominante no mercado brasileiro que até então, não havia sido citado no texto, nem como exemplificação. Sendo assim, observamos um caso de digressão baseada em sequências inseridas (DASCAL E KATRIEL, 1982):

Sertanejo como um dos gêneros dominantes do mercado. (1º parágrafo)

O auge das críticas é o Funk pelo conteúdo das letras. (2º parágrafo)

A Crítica às letras do Sertanejo Universitário. (5º parágrafo)

É perceptível também a retomada do subtópico “A importância econômica do Funk para o país” quando a articulista afirma que a música traz sustento para muitas famílias.

O Funk movimento mais ou menos 1 milhão de reais no Rio. (3º parágrafo)

O funk como forma de retratar a vida nas favelas. (4º parágrafo)

O funk como responsável por trazer alimento para a casa de muitas famílias. (5º parágrafo)

Para Preti (1999) *apud* Dascal e Katriel (1982), essa digressão marca uma espécie de salto e é vista como uma pausa no fluxo conversacional. Ao pensarmos no texto da articulista, é possível ver uma interrupção dos subtópicos no qual abordava a música sertaneja, e a importância desse gênero musical para a economia e uma retomada deles no último parágrafo.

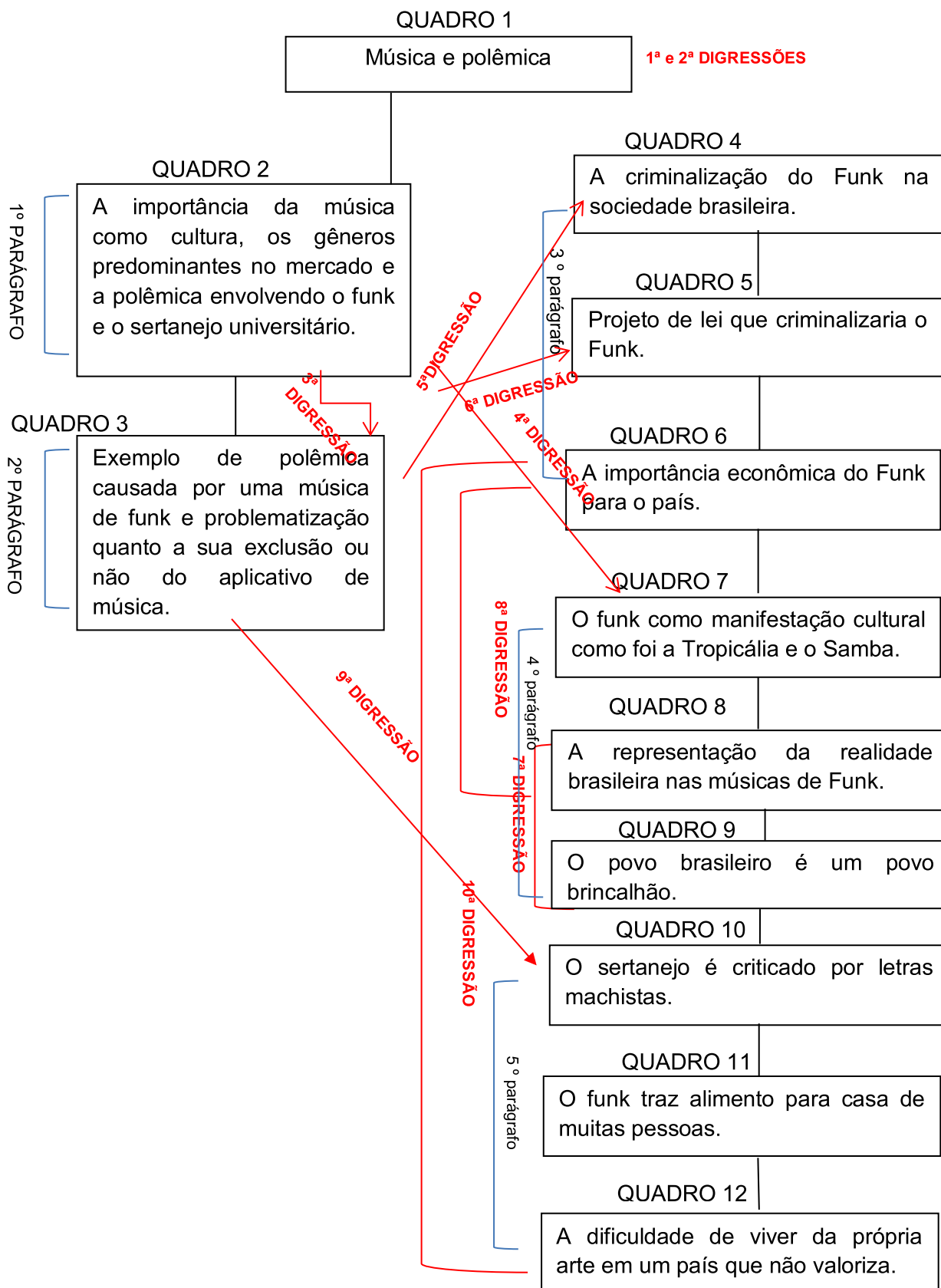
Nesse sentido é que podemos observar, também, a ocorrência de digressão em relação ao subtópico “Exemplo de polêmica causado por uma música de funk e problematização quanto a sua exclusão ou não do aplicativo de música.” Pois além de não ter encerrado esse tópico ao longo do texto, a articulista não o retoma na conclusão. O que é mais perceptível nesse caso é que os acessos a diversas fontes pela articulista prejudicaram o andamento textual, pois é notável que ela continuou, na sua escrita, abordando questões como criminalização do funk e conteúdo das letras, importância econômica do gênero, mas não retornou a falar da sua exemplificação, que neste caso, foi a música “Surubinha de leve” e, mais importante, não deixou a sua opinião esclarecida diretamente no texto e, assim, acabou acrescentando muitas novas temáticas ao texto (novos tópicos discursivos). Novamente, ocorre o que Jubran (1993) define como descontinuidade, pois, houve uma perturbação na sequencialidade do texto e ele passou a apresentar partes descontínuas em relação ao andamento dos tópicos apresentados. Nesse caso, a digressão foi uma fuga, ainda que momentânea, do tópico principal.

Observamos também que a última frase do texto não foi adequada com o que a articulista vinha discorrendo. Ela encerra seu texto afirmando que viver da própria arte do Brasil não é fácil, pois no país não há valorização. Sendo assim, além de definir esse último tópico como uma digressão baseada no enunciado (afinal, tendo a música como arte, citado pela articulista na introdução, é possível pensar que os brasileiros não a valorizam) ela está ligada ao supertópico, mas não está relacionada aos demais subtópicos, o que originaria uma fuga do tema proposto. Ou seja, para criar essa conclusão seria necessário que ao longo do texto a articulista tivesse abordado questões relacionadas aos brasileiros não serem apreciadores da arte, porém, em seu segundo argumento (Figura 4), ela afirma que o gênero movimenta muito a economia do país, novamente há uma contradição das ideias apresentadas pela articulista. Ou seja, como não há apreciação da arte, se ela também movimenta tanto a economia? Além disso, essa última frase escrita por ela é um novo tópico discursivo, uma nova temática que renderia a escrita de um novo artigo de opinião.

5.6 Análise entre parágrafos

Para exemplificar as digressões ocorrentes na análise anterior, montamos um esquema para deixar mais didático o entendimento do artigo de opinião elaborado pela articulista. Agora a análise aparece dividida entre todos os tópicos desenvolvidos nos parágrafos do texto. Essa análise é de suma importância, pois é entre os parágrafos que ocorre a organização para a construção das ideias que precisam ser sequencial, ou seja, precisa haver coerência. Para Pécora (1992), é papel de quem produz a redação garantir uma totalidade semântica e não um conjunto de fragmentos isolados. Para o autor, é necessário que ao ler um texto, seja possível identificar uma totalidade semântica e não um conjunto aleatório de fragmentos isolados. Ou seja, é necessário garantir a unanimidade da temática ao longo da escrita, e isso é feito pela interpretação após a junção dos parágrafos.

Esquema 4



DIGRESSÕES	FUGA AO TEMA
1 ^a , 2 ^a , 3 ^a , 4 ^a	Não
5 ^a , 6 ^a , 7 ^a , 8 ^a , 9 ^a e 10 ^a .	Sim

O Esquema 4 exposto acima é o apanhado final das digressões que aconteceram ao longo de todo o processo de escrita da articulista. Observa-se que depois que a primeira digressão que causa fuga ao tema ocorre, ou seja, a 5^a digressão, as demais foram sendo desencadeadas e o texto começou a apontar para outras temáticas, ou ainda, fugir momentaneamente do tema.

Por conseguinte, foi possível perceber a existência de um supertópico (Música e Polêmica) na escrita do texto e outros subtópicos desenvolvidos a partir dele, os quais alguns foram analisados como digressões e classificados como fuga do tema, afinal, levaram a uma descontinuidade tópica. Também, outros tópicos que foram classificados apenas como digressão, o que reforça a ideia de que, nem sempre a digressão é vista como uma fuga do tema na escrita e na oralidade, ou seja, o uso da digressão nem sempre provoca rupturas no fluxo conversacional (Andrade, 1997). Sendo assim, muitas vezes ocorre apenas uma retomada daquilo que a articulista vinha escrevendo, isso é mais perceptível nas digressões baseadas na interação, nesse caso, é possível compreender que há problemas de coesão e coerência classificados como organização textual, mas nem todas as digressões levaram a articulista a fugir do tema a qual ela se propôs a escrever.

5.7 Questões gerais sobre a análise

Tendo em vista que o curso de Licenciatura em Letras é um curso de formação de professores, nesta seção, procuramos refletir, ainda que de maneira não tão aprofundada, sobre algumas questões gerais da análise e conseqüentemente, como o ensino de produção textual aparece ligado com a escrita da articulista. O ensino, assim como a sociedade, vem passando por transformações, novas metodologias são criadas e novas teorias buscam embasar uma melhor qualidade de ensino, sendo assim, faz-se necessária tal reflexão.

Vale ressaltar que o texto que aqui foi analisado é a versão diagnóstica, ou seja, a versão a qual a aluna foi convidada a escrever sem ter conhecimento da estrutura composicional do gênero. Nesse caso foi perceptível o quanto o papel do professor em apresentar a organização do texto ao aluno, e ainda, ressaltar a importância do porque escrever e para quem escrever é importante. Ressaltando novamente, que trabalhos baseados no papel do professor já foram desenvolvidos com base nos textos produzidos nessa oficina.

Para Boff *et al.* (2009), o artigo de opinião precisa criar uma situação problema já no início de sua escrita para que os argumentos sejam coerentes e proporcionem sequencialidade ao que está sendo discutido. Nesse sentido, observamos que a articulista do texto em questão já não possuía clara a ideia a ser defendida no início do texto, o que contribuiu significativamente para desencadear as digressões ao longo da escrita. Observamos neste trabalho que a articulista levou muito tempo até iniciar a escrita de seu texto valendo ressaltar que antes de encontrar esse tema final, ela havia pesquisado outros os quais até havia iniciado pequenas frases, mas desistiu até iniciar o texto com “Música e Polêmica”.

O que mais foi destacado na escrita do texto da articulista foi justamente a falta de leituras prévias para o desenvolvimento da escrita e também, o não conhecimento por parte dela da estrutura composicional do gênero. É notório que atualmente muitos brasileiros não leem, e essa falta de leitura tem causado, conseqüentemente, problemas na escrita, visto que para que haja uma boa escrita é necessário que haja uma bagagem cultural e de vocabulário que são adquiridas por meio da leitura.

Contudo, atualmente, o ensino de produção textual tem passado por transformações. Passou-se a desenvolver nos alunos a consciência do por que, para quem e em que contexto escrever. Hoje, é possível desenvolver em uma sala de aula a proposta de ensinar o gênero “petição” e torná-lo um verdadeiro documento que será encaminhado a órgãos públicos para atender demandas específicas locais. O mesmo acontece com gêneros como o artigo de opinião, ressaltando a importância de argumentar, de buscar adeptos a sua ideia e conseqüentemente buscando embasamento de pessoas que pensem,

ou não, como você. Segundo Nascimento (2009), ao abordar questões sobre o ensino de línguas por meio de gêneros textuais afirma:

A adoção da concepção de gêneros textuais/discursivo torna-se indispensável porque nos apresenta o texto como um todo comunicativo, sem negar suas especificidades nem desconectá-lo do contexto sócio-histórico. Consequentemente, pressupõem-se uma nova concepção de ensino de língua. (NASCIMENTO, 2009, p. 5)

Ou seja, devemos buscar significar a língua em uso para o aluno, e levá-lo a compreender os seus contextos de uso e aplicações. No caso do artigo de opinião, é interessante fazer com o que o aluno pratique, por meio dele, a capacidade de argumentar, de intervir sobre questões sociais e polêmicas e ainda, que possa ter contato com opiniões contrárias as suas e saiba adequá-las e refutá-las de maneira coerente e responsável. Diante dos dados aqui apresentados, percebemos que é primordial que o aluno tenha definido com clareza uma temática e sua opinião sobre ela, ou seja, é necessário que ele compreenda o tema polêmica nos qual se propôs a escrever e, principalmente, que faça pesquisas e leituras sobre diferentes pontos de vistas. Afinal, é após desenvolver o aparato teórico que o aluno consegue condensar melhor suas ideias, desenvolver melhor seus argumentos e consequentemente não abrir no texto outros questionamentos e outras temáticas, como foi o caso da articulista dessa pesquisa em questão.

A capacidade de argumentar propriamente dita pode ser expandida entre as modalidades da língua, oralidade e escrita, ou seja, ressaltar como uma digressão na fala, por exemplo, pode funcionar com suas especificidades no artigo de opinião.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo identificar e analisar o estudo das digressões no processo de escritura e reescritura de artigo de opinião e buscou compreender quando uma digressão causa ou não fuga do tema proposto na escrita. Buscou-se também entender de que maneira elas aparecem no texto e o que levou a articulista em questão a criar novas temáticas ao longo da escrita.

As análises dessa pesquisa revelaram, portanto, alguns pontos que levaram a articulista a cometer essa fuga do tema proposto. Um deles foi a falta de uma releitura do texto enquanto acontece o processo de escrita. Isso foi perceptível em diversos momentos da escrita, afinal, ela raramente voltava ao seu texto com o cursor para reler o que já havia sido feito, aumentando, assim, a falta de coesão entre as partes e coerência com o que estava sendo dito, consequentemente facilitando a fuga do tema.

Outro ponto observado foi a falta de um planejamento textual elaborado previamente. Em diversos momentos da pesquisa foi citado o quanto a articulista lia sobre determinado assunto, incluía aquela informação no seu texto, e só então é que recorria à internet para uma pesquisa sobre aquele assunto. Nesse contexto é que cabe também destacar um ponto que fez com que a articulista cometesse digressões na escrita, que diz respeito ao ensino de produção textual, abordado no anteriormente como “REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DE PRODUÇÃO TEXTUAL” desse trabalho. Percebemos que havia certa preocupação da articulista em preencher aquela página onde o texto vinha sendo escrito, pois ela usava o botão *scroll bar* do mouse para rolar, rapidamente, a página, o que tudo indica, para certificar-se do quanto já havia escrito.

Vale ressaltar que o texto escrito pela articulista foi a versão diagnóstica, ou seja, é aplicado como um teste para ativar conhecimentos prévios do aluno, contudo, para muitos professores trata-se de uma prática comum de produção textual. Sendo assim, ressaltamos que se trata de uma prática não eficaz, pois sem apresentação prévia do gênero percebemos como o aluno sente dificuldade em produzir seu próprio texto partindo “do nada”. Devido ao fato de a articulista não saber ao certo sobre qual tema abordar, a

abertura para outros tópicos e conseqüentemente a fuga do tema proposto ocorrem com mais ênfase, afinal, ela acaba por abordar muitos temas e conseqüentemente, há dificuldade de manter-se em uma única proposta inicial.

Observamos também que em diversos momentos a articulista parecia não saber quando encerrar um parágrafo para começar outro. No capítulo “Análise dos dados” percebemos que ela junta várias ideias no mesmo parágrafo e depois o divide, sem motivo. O que é perceptível nesse caso é que, se a articulista possuísse conhecimento da estrutura textual do gênero artigo de opinião ela teria mais facilidade em lidar com a estrutura de separação, introdução, argumentos, contra argumentos e conclusão. Portanto, a falta de apresentação do gênero ao aluno também pode ser considerado um fator que influencia no aparecimento de digressões, essas, que na análise aparecem em alguns momentos como causadoras de fuga ao tema proposto.

Outro fator que chamou a atenção durante a escrita da articulista e que conseqüentemente contribuiu para que ocorresse a fuga do tema foi a pesquisa e leitura superficial de muitos sites durante a escrita. O fato de ela buscar frases isoladas, retirando do contexto para inseri-las no artigo de opinião, levou-a permitir que outras possíveis discussões fossem abertas baseadas nos enunciados inseridos por ela. Isso é o que acontece na Figura 9, por exemplo, ao inserir uma ideia de outra pessoa no texto e conseqüentemente iniciar um novo tópico de pesquisa sobre ele.

Ao longo do processo de escrita do texto ocorreram em torno de 10 digressões, sendo elas: 3 digressões baseadas na interação, 5 digressões baseadas no enunciado e 2 baseadas nas sequências inseridas. Dessas 10, 5 delas ocasionaram fuga do tema proposto e, em sua maioria, aconteceram quando a digressão era baseada no enunciado. Os momentos em que essas digressões acontecem estão sublinhados no capítulo da análise.

Ainda sobre a análise, outro fator que atrapalhou muito a articulista e fez com que as digressões se transformassem em fuga do tema foi a tentativa de inserir e parafrasear vozes de outros enunciados para o seu texto, sem retomar a leitura do seu texto para saber se aquele trecho se encaixaria naquele contexto. Além disso, o uso de exemplificação apareceu na análise como um causador de digressões e fuga do tema, como esperado no começo dessa pesquisa, pois a articulista insere o exemplo, e ao explicá-lo perde-se na

escrita, ou ainda, retoma o tópico mais a frente do texto, causando uma digressão baseadas em sequências inseridas.

Sendo assim, ao observamos esses dados, há algo muito importante a ser pontuado na questão do ensino de produção textual. Como mostrado nessa pesquisa, as digressões podem sim ser objetos de estudos em textos escritos, para que a partir disso seja compreender possíveis defasagens na escrita de um texto. Além disso, com essa pesquisa foi perceptível que nem toda digressão pode ocasionar fuga ao tema proposto e que há vários tipos de digressão relacionados à fuga. Assim, o estudo das digressões poderia ser um tema a ser trabalhado nas aulas de produção textual, constando inclusive, exemplos disso em livros didáticos, para mostrar ao aluno como a oralidade está intimamente ligada à escrita e como os fatores presentes na fala que, nem sempre causam falha na comunicação, podem se apresentar como desvios na produção textual, como é o caso da fuga ao tema proposto, por exemplo.

Por fim, os resultados obtidos nessa pesquisa foram amplos e espera-se também servir como uma contribuição para o ensino de produção textual. Além de mostrar que é possível estudar as digressões em textos escritos, ainda que isso seja definido como um campo difícil de manejar. Além disso, entender o texto como processo, e o trabalho com a versão diagnóstica do texto nos leva compreender e entender apenas alguns dos fatores que levam milhares de estudantes a receber redações zeradas por fuga ao tema proposto no processo de correção de textos. Essa pesquisa também abre espaço para trabalhos futuros como analisar outras escrituras para verificar se isso se mantém, se os resultados são os mesmos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. **Curso de redação**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2006. 167 p.

AIOLFI, Gabriela Paulina Aparecida. **Reformulação por sinonímia lexical no processo de escritura e reescritura de artigos de opinião**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Português e Inglês) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2018. Disponível em <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br:8080/jspui/handle/1/16125> acesso em 8 ago. 2020.

AIOLFI, Gabriela Paulina Aparecida. **Investigação de fenômenos da produção textual no processo de escritura e reescritura de artigos de opinião**. 2020. 109 f. Dissertação em andamento (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2020.

ANDRADE, Maria Lucia da Cunha V. de Oliveira. A digressão como estratégia discursiva na produção de textos orais e escritos. **ABRALIN - Boletim da Associação Brasileira de Linguística**, p. 425-434, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016. 174 p.

BOFF, Odete M. B.; KÖCHE, Vanilda S.; MARINELLO, Adiane F. **O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação**. ReVEL, vol. 7, n. 13, 2009. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_13_o_genero_textual_artigo_de_opinia_o.pdf acesso em 10 jan. 2020.

BOTELHO, José Mario. A NATUREZA DAS MODALIDADES ORAL E ESCRITA. **Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**, 2006. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/03.htm>. Acesso em: 20 jan. 2020.

BURATO, T. A. **Artigo de Opinião: aspectos recorrentes no processo de produção textual**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Português e Inglês) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2016. Disponível em http://repositorio.utfpr.edu.br:8080/jspui/bitstream/1/4522/1/PB_PPGL_M_Burato%20Tha%C3%ADs%20Aparecida_2019.pdf acesso em 8 ago. 2020.

BURATO, T. A. **Reformulação por Paráfrase e por Correção no Processo de produção textual de artigo de opinião**. 2019. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Nível: Pós-Graduação) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, . Orientador: Leticia Lemos Gritti. Disponível em:

http://repositorio.utfpr.edu.br:8080/jspui/bitstream/1/4522/1/PB_PPGL_M_Burato%2C%20Tha%C3%ADs%20Aparecida_2019.pdf acesso em 8 ago. 2020

FÁVERO, Leonor Lopes. O tópico discursivo. *In*: PRETI, Dino. **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 2010. v. 1, cap. 2, p. 39-63.

FARRACO, Carlos Alberto *et al*, (org.). **Diálogos com Bakhtin**. 2. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 1999. 365 p.

GOTZ, Giseli. **O processo de escritura de um artigo de opinião: uma análise dos impactos da internet para a construção desse gênero**. 96 f. Dissertação em andamento (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2020.

KOCH, Ingedore G. Villaça. O texto: construção de sentidos. **Organon-Revista do Instituto de Letras da UFRGS**, Rio Grande do Sul, v. 9, n. 23, p. 21-27, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/29382/18069> acesso em 10 jan. 2020.

LIMA, Anselmo Pereira de. **Investigação de processos de produção de artigos de opinião em laboratório informatizado de leitura, escritura e reescritura de textos argumentativos**. 2016. Disponível em: <http://plataformabrasil.saude.gov.br/visao/pesquisador/gerirPesquisa/gerirPesquisaAgrupador.jsf>. Acesso em: 20 jul. 2020

LIMA, Anselmo P. de. Pães e Opiniões. 2018. Disponível em: <http://paeseopiniaes.blogspot.com/> Acesso em: 01 jul. 2020.

MARCHIORI T; A. **Principais inadequações encontradas nos textos argumentativos de alunos ingressantes no curso de Letras da UTFPR, câmpus Pato Branco**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras - Português e Inglês) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Orientador: Letícia Lemos Gritti.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: Atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010. 125 p.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Leitura produção de textos e a escola: Reflexões sobre o processo de letramento**. São Paulo: Mercado de Letras, 1994. 104 p.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. USO DOS GÊNEROS TEXTUAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL: AINDA UM DESAFIO PARA OS PROFESSORES. **Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais**, Rio Grande do Sul, p. 1-18. 2009. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/arquivos/uso_dos_generos_textuais_no_ensino_fundamental_ainda_um_desafio_para_os_professores.pdf. Acesso em: 14 jan. 2020.

PASSERO, Guilherme. **DETECÇÃO DE FUGA AO TEMA EM REDAÇÕES NA LÍNGUA PORTUGUESA**. 2018. 106 f. Dissertação (Mestrado- Computação aplicada) - Universidade do Vale do Itajaí. 2018. Disponível em: <http://siaibib01.univali.br/pdf/Guilherme%20Passero.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

PÉCORA, Alcir. **Problemas de redação**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 120 p.

PEREIRA, I. C.; LOCATELLI, M. F. **Artigo de opinião: práticas de escritas e reescritas, o que mudou?**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Português e Inglês) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2018. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/16128> acesso em 8 ago. 2020.

PINHEIRO, Clemliton Lopes. Organização tópica do texto e ensino de leitura. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 8, p. 149-160, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15608> acesso em: 7 jan. 2020.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Pensamento e Linguagem**. Ridente Castigat Mores, 2001. 159 p. Disponível em: http://www2.uefs.br/filosofia-bv/pdfs/vygotsky_01.pdf acesso em: 13 jan. 2020.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. **Análise Linguística nos gêneros textuais**. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2012. 159 p.

ZANIN, J. **Análise das interferências do professor como interlocutor no processo de escritura e reescritura de artigo de opinião**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Português e Inglês) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2018. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/16129> acesso em 8 ago. 2020.

ANEXOS

ANEXO 1- Texto versão diagnóstica da articulista- primeira correção

LM - Letra maiúscula / PFLM - ponto final e letra maiúscula

Música e polêmica

Vivemos em um país onde a música é uma das expressões mais importantes de nossa cultura. Hoje em dia predominam no mercado o sertanejo, axé, MPB, samba, forró, rock e eletrônico. O que mais gera polêmica é o conteúdo das letras das músicas. Atualmente o auge das polêmicas é o funk e o sertanejo universitário pela "exposição" da mulher e "Pornografia e sexualidade excessiva em canções".

Ouvintes do streaming de música mais popular do mundo, Spotify, criaram uma petição para retirar a música "Surubinha" de leve do cantor MC Diguinho, que está sendo acusado de fazer apologia ao estupro. Uma obra que estimula violência e desvalorização das mulheres não merece ser divulgada ou compartilhada amplamente, sem uma devida restrição ou indicação de idade, afirmam os ouvintes. Já especialistas afirmam que em termos legais a letra da música não configura apologia ao estupro. "Não dá para saber se as mulheres citadas aprovaram, se são maiores de idade, se concordaram em participar da tal "surubinha"... Para ser considerado apologia ele teria que deixar claro a intenção de "tacar a bebida" seria para deixar a vítima inconsciente, em um estado que não teria condições de consentir com a relação sexual" - diz a advogada Sylvia Urquiza.

Mas a questão é quem em nosso país o funk sofre grande preconceito pela população, é mal interpretado e desvalorizado independentemente do que a letra esteja dizendo. No ano de 2017 tentaram aprovar uma lei que criminalizaria o funk. Felizmente não conseguiram. Essa massa que rejeita o gênero não está atenta que o mesmo movimenta nossa economia, dados que só na cidade do Rio de Janeiro o funk movimenta mais ou menos R\$1.000.000.

Não podemos esquecer que o funk é uma manifestação cultural, assim como foi a Tropicália e o Samba. O conteúdo das letras relata o que as pessoas vivem, principalmente nas favelas e nas periferias. Os cantores e MCs relatam a verdade que muitas vezes dói ao escutar, mas infelizmente é a nossa realidade. O povo brasileiro brinca muito com as coisas, com as situações e o funk é uma forma "divertida" de dizer o que acontece dentro da favela, dos bairros e até mesmo dentro de casa.

Assim como o funk o sertanejo universitário é muito criticado por suas letras "machistas" e pouco desenvolvidas. Mas o que poucos sabem é que essa música traz o alimento para dentro da casa de milhares de pessoas. Vários pais e mães de família dependem disso para sustentar seus filhos. Viver da própria arte não é fácil em um país que não valoriza a mesma.

Escolha apenas um tema, 1 ou 2?

Qual é sua opinião?

Quais são seus argumentos para defender essa opinião?

Qual é a opinião contrária?

Qual é o argumento principal dessa opinião contrária e como você a refuta?

Letra maiúscula

TEMA 1
Retirar ou não retirar a música?

Confuso!
TEMA 2
Criminalizar ou não criminalizar o Funk?

gratias incompleta

que LM PFLM

PFLM

para o quanto ele